

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Escola Superior de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



Dissertação

Categorias de base:

uma análise da formação e profissionalização dos jogadores de futebol formados
nos clubes de Pelotas/RS

Daniel Vidinha da Silva

Pelotas – RS
2015

Daniel Vidinha da Silva

Categorias de base:

uma análise da formação e profissionalização dos jogadores de futebol formados nos clubes de Pelotas/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física - Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2015

Daniel Vidinha Da Silva

Categorias de base:

uma análise da formação e profissionalização dos jogadores formados nos clubes de Pelotas/RS

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 29 de abril de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (Orientador)

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Gustavo da Silva Freitas

Doutor em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal Rio Grande

Prof. Dr. Alan Goularte Knuth

Doutor em Epidemiologia pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Pedro Curi Hallal (suplente)

Doutor em Epidemiologia pelo Programa de Pós-Graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas

Dedico este trabalho a meus pais, Carlos Roberto e Maria Amélia, e a meus irmãos, Felipe e Gustavo.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado saúde, equilíbrio e serenidade para enfrentar as batalhas diárias demandadas por este desafio.

Aos pais (Carlos Roberto e Maria Amélia) e irmãos (Felipe e Gustavo) que perante as angústias e frustrações me ofertaram carinho e conforto para seguir em frente. Esta conquista é nossa. Amo vocês!

Aos avós e a tia Fátima que de diferentes formas contribuíram para minha formação pessoal e profissional.

À namorada Júlia, pela compreensão, companheirismo e amor, sendo sensível em meus momentos de egoísmo e tendo sempre uma palavra de incentivo nos momentos mais difíceis. Eu te amo!

Ao orientador Luiz Carlos Rigo, por ter abraçado comigo este desafio e pelos inúmeros ensinamentos. Um orientador presente, participativo e competente.

Aos professores Alan, Pedrinho e Gustavo pelas contribuições ao trabalho.

Aos amigos Maurício Razeira e Jahnecka, com quem compartilhei o desejo de ingressar nesta empreitada e de quem recebi palavras e atitudes de incentivo.

A todos meus amigos que em diversos momentos souberam entender minha ausência. Em especial a Marcelo e Suka por instigarem ainda mais meu gosto pelo futebol, e as famílias Mohnsam e Chanças pela acolhida sempre hospitaleira.

Aos colegas de mestrado, em especial aos amigos Beto Giusti e Daniel Crizel pelas reflexões e compartilhamentos de ideias sobre futebol. E a José Antônio Bicca e Mateus Magalhães, pelas contribuições em diferentes momentos da pesquisa.

Ao amigo João Beschorner, pela disposição em ajudar e pelos ensinamentos e relatos de experiência.

Aos clubes pesquisados por terem aberto suas portas e terem sido sensíveis as necessidades e objetivos da pesquisa.

Aos dirigentes, formadores e funcionários dos clubes. Em especial a Idalberto, Josué, Chapolin, Maydana, Youseef, Felipe, Munhoso, Reynaldo, Montanelli, Júlio, Roger e tantos outros que de alguma forma contribuíram ao trabalho.

Aos jogadores que dedicaram parte do seu tempo a este trabalho. À todos o meu sincero muito obrigado.

À Christine Spieker por sua dedicação e atenção as nossas necessidades, estando sempre pronta a ajudar.

À Capes pela concessão da bolsa de estudo.

RESUMO

SILVA, Daniel Vidinha da. **Categorias de Base: uma análise da formação e profissionalização de jogadores formados nos clubes de Pelotas/RS**. 2015. 107f. Dissertação (Escola Superior de Educação Física). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

Esta dissertação, vinculada à temática do futebol, abordou os processos de formação de jogadores em cinco clubes da cidade de Pelotas – RS. O estudo teve como objetivos mapear e descrever as propostas para as categorias de base destes clubes, bem como identificar e analisar a procedência, a rotatividade, a escolarização e as tendências de profissionalização e reconversão profissional desses jovens aspirantes a jogador. A metodologia utilizada foi a etnografia. Além disso, foram utilizados instrumentos comumente aplicados na netnografia (etnografia virtual). Diários de campo, entrevistas semiestruturadas, questionários, fontes imagéticas e análise de artefatos virtuais foram alguns dos instrumentos utilizados no estudo. A conclusão do estudo aponta que os clubes profissionais da cidade carecem de maiores planejamentos e investimentos na estrutura e na gestão de suas categorias de base. A ausência destes fatores estimula a rotatividade dos jovens por diferentes clubes, dentro e fora da cidade, e direciona os clubes a prática de uma “arquitetura” provisória de equipes. Também ficou evidenciado que entre os jogadores pesquisados existe uma relevante defasagem e evasão escolar. Há uma expressiva inserção dos jovens formados nos clubes da cidade no futebol profissional (16% da amostra) se comparada a outros contextos estudados, o que referenda o argumento da cidade ser um polo estadual na formação de jogadores. Apesar desta notoriedade, há um consenso entre os interlocutores sobre a necessidade de uma reconfiguração nas propostas formativas dos clubes, especialmente dos profissionais. Também parece ser necessária a criação de mecanismos de interferência estatal neste processo, mecanismos estes que estimulem o cumprimento de leis que resguardem minimamente o futuro destes jovens.

Palavras-chave: futebol, categorias de base, profissionalização.

ABSTRACT

SILVA, Daniel Vidinha da. **Football youth academies: an analysis of the education and professionalization of the players formed at the clubs from Pelotas / RS.** 2015. 100f. Dissertation (Superior School of Physical Education). Federal University of Pelotas, Pelotas, 2015.

This dissertation, linked to the theme football, addressed the process of formation of players in five clubs from the city of Pelotas - RS. The study aimed to map and describe the proposals offered by the youth academies of these clubs, and identifies and analyzes the merits, also its turnovers, schooling, and trends of professionalization and also the retraining conversion of these rookie young players. The methodology used was ethnography. In addition to it, the instruments are used similarly in netnography (virtual ethnography). Field journals, semi-structured interviews, questionnaires, image resources, virtual artifacts analysis were some of the instruments used in the study. The conclusion of the study is that the professional clubs of the city require further planning and investment in the structure and management of their youth academies. The absence of these factors stimulates the trade of young players between different clubs, within and outside the city, and it directs the clubs to do a provisory "architecture" of the teams. It was also found among the surveyed players that there is a significant schooling difference like truancy and lag between them. There is a significant amount of young players formed on the city clubs in professional football (16% of the sample), if compared to other contexts studied, which reinforces the city's argument in being a state pole in formation of young players. Despite this notoriousness, there is a consensus between the interlocutors about the need of a reconfiguration in the formative proposals of the clubs for the youth academies, and especially for the professionals. Also appears to be necessary to create state interference mechanisms in this process, mechanisms that encourage compliance with laws that minimally will make safe the future of these young people.

Keywords: football, football youth academies, professionalization.

Lista de Figuras:

Figura 01- Faixa etária e escolaridade dos jogadores investigados;

Figura 02- Número de atletas que evadiram a escola conforme o grau de escolaridade e a faixa etária em que a evasão ocorreu.

Lista de Imagens:

Imagem 01- Peneira do Grêmio Esportivo Brasil;

Imagem 02 - Jovens no Progresso Futebol Clube aguardam o momento de serem avaliados;

Imagem 03 - Escolinha do Esporte Clube Pelotas;

Imagem 04 - Atleta compartilha reportagem de jornal, que o anuncia em seu novo clube;

Imagem 05 - Atleta e sua tentativa de reinserção nos clubes;

Imagem 06 - Atleta cogita a possibilidade de abandonar o futebol;

Lista de Quadros:

Quadro 01- Resumo da estrutura física e de recursos humanos ofertados pelos clubes a suas categorias de base, além de seus projetos futuros para o setor.

Lista de Siglas:

Sigla 01- Federação Gaúcha de Futebol (FGF);

Sigla 02- Confederação Brasileira de Futebol (CBF);

Sigla 03- Centro de Treinamento (CT);

Sigla 04 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA);

Lista de Apêndices:

Apêndice A – Fichamento dos Atletas;

Apêndice B – Questionário Diagnóstico dos Clubes;

Apêndice C – Entrevista semiestruturada dos dirigentes/gestores;

Apêndice D – Perspectivas Profissionais dos Atletas de Base dos Clubes de Pelotas/Temporada 2014 (Retorno aos atletas).

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 A chegada à temática e aos objetos de pesquisa.....	13
1.2 O contexto do processo de formação no Brasil pós Lei Pelé.....	16
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
2.1 A etnografia e seu aporte netnográfico.....	21
2.2 Logística de campo do estudo – os caminhos percorridos.....	23
2.2.1 A primeira incursão: o diagnóstico dos clubes.....	24
2.2.2 Conhecendo os atores/nativos: o cadastramento dos jogadores.....	25
2.2.3 As observações livres: flutuar entre o real e o virtual.....	26
2.2.4 Entrevistas semiestruturadas.....	27
3 DESCRIÇÃO DOS OBJETOS DE PESQUISA.....	29
3.1 Esporte Clube Pelotas.....	31
3.2 Fragata Futebol Clube.....	37
3.3 Grêmio Atlético Farroupilha.....	41
3.4 Grêmio Esportivo Brasil.....	46
3.5 Progresso Futebol Clube.....	51
3.6 Os principais problemas enfrentados pelos clubes de Pelotas em relação a suas categorias de base.....	56
4 O FUTURO E SUAS PERSPECTIVAS: INSERÇÃO, RECONVERSÃO E PERSISTÊNCIA.....	61
4.1 A procedência, a captação, a formação, os empresários e a rotatividade.....	61
4.2 A escolaridade: o plano B.....	71
4.3 As possibilidades de inserção no futebol profissional e de reconversão laboral..	77
Considerações Finais.....	89
Apêndices.....	99

1. INTRODUÇÃO

1.1 A chegada à temática e aos objetos de pesquisa

Encetar esta pesquisa teve como um de seus anseios, preencher parte de uma lacuna que cerne os estudos do processo de formação de jogadores de futebol em clubes interioranos e pertencentes a divisões inferiores do futebol brasileiro. Além disso, contribuir para o debate em torno da formação profissional de jogadores e seu processo de profissionalização¹ no contexto referido.

Num esporte em que a profissionalização organizacional no Brasil dá-se de forma lenta e gradual, há uma celeuma que visa um diálogo aproximado entre os saberes empírico e científico². Há uma linha tênue que ainda distancia e polariza, de um lado, um saber prático, vivido e experimentado; de outro, um conhecimento teórico, rudimentado pela ciência e pouco valorado por quem se diz habitado pelo primeiro.

Na busca por este diálogo, nos apropriamos de empreendimentos antropológicos e sociológicos vinculados a formação de jogadores de futebol, sem nos determos em temas já contemplados por outros autores como dom/talento (DAMO, 2005), corpo (WACQUANT, 2002), a relação corpo-máquina (BITTENCOURT, 2009), o ensino-aprendizagem (SPAGGIARI, 2009), entre outros. Buscamos, neste e em outros estudos, aproximação com temáticas ligadas à formação profissional dos atletas, além de análises sobre a gestão esportiva nos clubes em relação às categorias de base (RODRIGUES, 2003; ROSA, 2008; PEREIRA, 2004, BACK, 2004; PAOLI, 2007 E 2009; SOARES, 2011, etc). Também procuramos não afastar o aporte teórico consultado das falas de nossos atores, por acreditar que o diálogo compartilhado entre os mesmos contribuiria acerca das

¹Tratamos como profissionalização, o momento pelo qual o atleta vincula-se pela primeira vez formalmente a determinado clube através de um contrato profissional.

²Em seus trabalhos Damo (2005) e Giglio & Spaggiari (2010) assinalam a carência acadêmica acerca do processo de formação brasileiro. Para um panorama geral da produção acadêmica em torno do futebol nas Ciências Humanas e Sociais ver Silva (2009).

reflexões aqui encontradas.

A construção dos objetos de pesquisa e o encorajamento causado pelo uso do saber etnográfico como método exibiram múltiplas possibilidades de investigação no campo do futebol. Contudo, este vasto manancial científico a ser explorado apresentou-se como um caminho perigoso, dada a falta de profundidade em que fatalmente cairíamos na tentativa de contemplar todos nossos anseios de pesquisa. Neste tocante, Geertz (1989, p. 15) destaca que “o ecletismo é uma autofrustração, não porque haja somente uma direção a percorrer com proveito, mas porque há muitas: é necessário escolher”.

Desta forma, esta investigação começou a ser delimitada a partir do recorte territorial na cidade de Pelotas³, Rio Grande do Sul. Singular em sua cultura futebolística e dotada de uma gama diversificada de práticas desse esporte, esta comunidade possui muitos aficionados que estabelecem vínculos orgânicos com seus clubes, com ligames distintos de outras tribos torcedoras do estado. Dentre essa e outras características, o futebol pelotense possui determinada aptidão em formar e/ou revelar jogadores de futebol, traduzida em diversos centros de formação espalhados pela cidade, além de muitos nomes de atletas oriundos da localidade e que figuram no cenário nacional. A pesquisa foi dividida em cinco espacialidades que serão abordadas de forma mais detida no terceiro capítulo do trabalho.

Escolhido o caminho, era necessário entender os modos de percorrê-lo. Tarefa complexa, vista sob a necessidade de contemplar a análise de cinco clubes, sem se descuidar de suas similitudes e distinções. Neste contexto, tivemos dificuldade em nos dissolver na coletividade dos clubes, dada as interrupções e o sazonalismo que inevitavelmente permearam nosso trabalho de campo, pois seria impossível flutuar por todos os objetos sem gerar um distanciamento vez por outra. Quando as incursões

³Distante aproximadamente 300 quilômetros de Porto Alegre, a cidade está situada na zona sul do estado do Rio Grande do Sul, entre os municípios do Capão do Leão, Turuçu, Canguçu, Morro Redondo e banhada pela Lagoa dos Patos. Segundo censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população do município é de aproximadamente 328.275 habitantes em uma dimensão territorial de 1.610,084Km². Em termos financeiros, a atividade comercial e de serviços é sua principal influência econômica (receita orçamentária de R\$ 381.899.390,56).

tornavam-se mais frequentes, era necessário buscar um ângulo diferente para enxergar diariamente o mesmo fato, preservando as particularidades e especificidades para então lançar-nos às generalizações (GEERTZ, 1989). Na perspectiva de Bittencourt (2009, p.35) a tentativa foi de “ver sob a rotina monótona da vida - nossa ou do outro - algo que perturba e pede motivos (...)”.

Este empreendimento teve como campo de estudos, os estádios e os CTs dos clubes, utilizando também o campo virtual como ferramenta complementar de análise. Para nossa inserção nessas instituições, lançamos mão de duas estratégias díspares. Em algumas, realizamos contato direto com a secretaria; em outras, nos auxiliamos de intermediários, de forma a não proporcionar incômodo ao invadir um espaço na qual não somos familiares⁴.

O trabalho é dividido em dois grandes eixos: um vinculado aos processos de formação em clubes de futebol da cidade de Pelotas e o outro relacionado aos sujeitos que ingressam na carreira de jogador à luz da expectativa de profissionalização. Apesar de desmembrados, estes eixos devem ser analisados de forma indissociável, visto que dialogam constantemente um com o outro.

No terceiro capítulo, procuramos situar o leitor quanto ao contexto estudado, apontando quais clubes foram investigados, qual a estrutura ofertada e quais são seus projetos futuros para as categorias de base. Ao final, procuramos contextualizar o cenário formativo dos clubes profissionais da cidade relacionado-o com as principais dificuldades impostas pelo processo a estes clubes.

No quarto capítulo, discorreremos inicialmente sobre como as práticas clubísticas de captação, formação e/ou revelação se distanciam e se aproximam ao longo do processo formativo e quais efeitos produzem na carreira destes atletas. Além da procedência, este capítulo aborda também: a rotatividade (trocas de clubes durante o

⁴A prática da barganha esteve presente em alguns momentos da investigação, as informações ou o acesso a alguns clubes eram ofertados à medida que “favores” eram sugeridos. Neste íterim, foi sugerido a aplicação de testes físicos e treinamentos, a participação como preparador físico em competições, a indicação de profissionais aos clubes e a exaltação do trabalho de determinado clube nesta pesquisa. Ao solicitar a coleta de dados obtive respostas como: “Agente vê! De repente tu menciona no teu trabalho os guris que já estão treinando no profissional...” .

processo), a defasagem e a evasão escolar, analisadas a partir da escolarização dos atletas, a profissionalização (promoção/inserção), e as possibilidades de reconversão profissional⁵ em caso de insucesso no futebol.

Em que pese o futebol ser um esporte que para muitos de seus praticantes é visto sob a ótica da sociabilidade e do lazer, faz-se necessário considerar que para uma parcela importante de jovens brasileiros é visto como uma perspectiva de trabalho e ascensão social. Frente a esta e outras expectativas, alguns clubes reconfiguraram suas categorias de base, qualificando suas estruturas, revendo seus conceitos e planejando a carreira futebolística de seus jovens atletas. Neste íterim, o futebol nacional teve sua configuração laboral e institucional alterada em meados do ano 2000, a partir da Lei Pelé, afetando principalmente clubes e os “*pés de obra*”⁶.

Desta forma, o tópico seguinte analisa algumas transformações engendradas pela lei e seus reflexos nos processos de formação dos clubes brasileiros.

1.2 O contexto do processo de formação no Brasil pós Lei Pelé

Desde 08 de julho de 2014, há no Brasil um clamor por explicações para a derrota de 7 x 1 da seleção nacional para a Alemanha na fase semifinal da Copa de 2014. Discute-se amplamente a situação financeira falimentar dos clubes, as administrações amadoristas, a aplicação de metodologias de treinamento defasadas em relação ao contexto europeu, as deficiências em termos de intensidade de jogo, a disciplina tática e a formação do jogador brasileiro.

As categorias de base e o processo de formação de jogadores costumam entrar na pauta da grande mídia futebolística e ganhar visibilidade especialmente em

⁵A reconversão profissional será tratada neste trabalho como um processo de reajustamento da vida laboral destes meninos em caso de insucesso no futebol. Por ser uma profissão altamente excludente, o futebol obriga a maioria destes pretendentes a repensar suas escolhas profissionais, mesmo que precocemente.

⁶“Pés de Obra” é um termo cunhado por Damo (2005) aos futebolistas em alusão a expressão “mão de obra”, utilizando este neologismo para evidenciar os interesses mercadológicos existentes na “produção” de jogadores de futebol.

situações de crise do futebol brasileiro - como no caso da Copa do Mundo referida. Em outros momentos, o processo formativo torna-se assunto de mídia apenas em períodos sazonais e de férias do futebol profissional como nos meses de dezembro e janeiro, quando ocorrem competições de nível nacional como a Copa São Paulo de Futebol Júnior e a Copa Santiago de Juvenis⁷. A série de reportagens do programa dominical da Rede Globo *Esporte Espetacular*, intitulada “A Base” e exibida em quatro programas, buscou mapear de forma sintética os trabalhos de base no Brasil pós Copa do Mundo. Um dos pontos abordados nesta série remeteu a discussão em torno da Lei 9.615/98 (Lei Pelé)⁸, que provoca intensos debates ao longo de seus 17 anos de existência.

A Lei Pelé teve inspiração na legislação espanhola e ao ser promulgada no Brasil foi alvo de manifestações contrárias por parte dos clubes, especialmente com base nas alegações de que a figura do “passe” configurava uma espécie de reposição aos mesmos, pelos investimentos realizados na formação de jogadores (CAETANO & RODRIGUES, 2009). Sousa (2008, p.88) ressalta que o término do passe – advento do passe livre - ocasionou “o desamparo do trabalho de formação e o empobrecimento de muitos clubes”.

Entretanto, o alto preço para aquisição de futebolistas consagrados juntamente com uma maior concorrência entre as equipes na busca por jogadores jovens e desconhecidos, fez com que nos últimos anos, os investimentos na formação de jogadores aumentasse de forma significativa e ocorresse em atletas cada vez mais jovens.

Dentre os esportes coletivos, o futebol talvez seja o que mais precocemente inicie seu processo formativo de forma sistemática e organizada. A concepção moderna do esporte tornou a preparação múltipla, complexa e passou a exigir uma gama de atributos cada vez maior dos pretendentes a jogador⁹. Mas nem sempre essa formação

⁷A Copa São Paulo de Futebol Júnior é realizada anualmente no mês de janeiro no estado de São Paulo sendo considerada a principal competição de base do país. O Torneio de Santiago também ocorre anualmente no mês de janeiro, tendo a cidade de Santiago, no Rio Grande do Sul como sede do evento.

⁸A lei 9.615/98 sofreu mudanças a partir de outras leis (9.981/00 e 10.672/03), e pela Medida Provisória 2.141/01 (CARRAVETTA, 2012).

⁹Sousa (2008) aponta para algumas das intempéries enfrentadas pelos meninos ao longo do processo de

vem acompanhada de um suporte estrutural e com uma equipe de recursos humanos qualificada, condições fundamentais para a formação de jovens que estão submetidos a uma série de exigências e responsabilidades (BARBANTI, 2005; FERREIRA, 2011).

Ao acolher um menino de outra região, por exemplo, o clube deveria disponibilizar estrutura adequada, com alimentação, alojamento em bom estado de higiene, acesso à família e a escolarização, dentre outras obrigações¹⁰.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei Pelé exigem assistência à educação, saúde e bem estar, além de contrato de trabalho para maiores de 14 anos, integrantes de categorias de base no Brasil¹¹. Apesar disso, o poder estatal e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) eximem-se de qualquer obrigação, como aponta Damo (2005, p.210):

[...] a CBF não delibera sobre a formação brasileira, o seu departamento de divisões de base somente recruta atletas para participar de competições com a seleção, não intervindo em mais nada no processo, tendo a conivência do governo brasileiro.

A aspiração à profissão de jogador de futebol se configura em um negócio que produz cada vez mais adeptos, mas que estabelece um cenário de concorrência entre a escolarização básica e a formação do jovem como atleta, forjada em intermináveis horas de treinos e jogos. Esse investimento de tempo dedicado ao futebol normalmente reflete-se no desinteresse e numa falta de condições de investimento significativo aos estudos.

Em relação à rotatividade, Carravetta (2012, p.129) constatou que o processo de formação de jogadores envolve uma circulação desses jovens por diferentes clubes, inclusive entre aqueles que possuem idades inferiores a 16 anos. Este fenômeno do

formação como o medo do desligamento, a rotina estafante de treinamentos, o isolamento social, a falta de controle do seu tempo livre, a incerteza de continuidade na carreira e a construção de vínculos frágeis e contratos temporários.

¹⁰O Avaí F.C de Santa Catarina, por exemplo, oferece 4 refeições diárias, materiais de higiene pessoal, acompanhamento nutricional, a ajuda de custo pode variar entre 50 e 200 reais e todos os atletas alojados no clube devem obrigatoriamente estar estudando. (Back, 2005. p. 41).

¹¹De acordo com a Lei 10.672/03 jovens só podem se profissionalizar a partir dos 16 anos, sendo que o primeiro contrato poderá ter o período máximo de 2 anos e a primeira renovação deste contrato terá como prazo, a periodicidade de 3 meses a 5 anos.

jogador brasileiro começar a “rodar”¹² já durante a sua formação pode ocasionar uma descontinuidade no ciclo desportivo e escolar do atleta. A análise de Carravetta refere-se ao trabalho de base nos clubes de elite,¹³ mas mais preocupante ainda são as propostas implementadas pela maioria dos clubes da segunda, terceira e quarta divisões do futebol brasileiro.

Nesse sentido, esse estudo orienta-se por questões como: Quais as expectativas e possibilidades de profissionalização dos jogadores das categorias de base dos clubes de Pelotas? Quais as estratégias que esses jogadores utilizam para conseguir se profissionalizar? Qual a preocupação que os clubes da cidade têm com a escolarização dos atletas? Como os jogadores lidam com a possibilidade de reconversão profissional?

Assim, os objetivos para este estudo podem ser definidos como:

Objetivos principais:

1) Mapear e descrever as propostas para as categorias de base de cinco (5) clubes de futebol da cidade de Pelotas (aspectos infraestruturais, recursos humanos disponíveis e projetos futuros).

2) Mapear as possibilidades de profissionalização dos jogadores das categorias de base dos clubes de Pelotas.

Objetivos específicos:

1) Identificar e analisar as tendências de reconversão dos jogadores das categorias de bases dos clubes de Pelotas.

2) Mapear e analisar a procedência e a rotatividade desses jogadores.

¹²Conceito trabalhado por RIAL (2008).

¹³Entenda-se clubes de elite os que compõem o Clube dos 13: são 20 clubes, entre eles Flamengo, Corinthians, São Paulo, Vasco da Gama, Internacional, Botafogo, Fluminense, Grêmio, etc.

3) Diagnosticar a escolarização desses jogadores.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 A etnografia e seu aporte netnográfico

A pesquisa optou por uma abordagem metodológica qualitativa inspirada na etnografia, e que contou com o suporte de alguns instrumentos utilizados na netnografia, ou etnografia virtual. Apesar da utilização de dados quantitativos (analíticos), esses dados foram analisados sob uma óptica qualitativa.

Sobre esta classificação investigativa de inspiração etnográfica, a mesma nos possibilita “revelar” o significado cotidiano através do estudo do comportamento humano na sua rotina diária, descrevendo significados pertencentes a um determinado grupo. Este “desvio etnográfico”, como afirma Magnani (2009, p.134), abre-nos a “possibilidade de buscar um ponto de vista descentrado” de um determinado objeto percorrendo suas entrelinhas. Para este autor: “a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte” (2009, p.135).

Ao nos lançarmos como etnógrafos, trabalhamos intrinsecamente nossas percepções, incoerências e subjetividades acerca de uma determinada cultura. Nesta inserção, o pesquisador apresenta-se como uma figura social e estabelece relações de seu objeto com sua própria cultura, com seu contexto socioeconômico, com suas experiências, etc.

Com efeito, Fonseca (1998, p.58) destaca que “o ponto de partida desse método (etnográfico) é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo”.

Entendemos que a análise de determinada cultura nos dê condições de possibilidade para decifrar os códigos estabelecidos entre diferentes grupos e indivíduos, principalmente os vinculados ao futebol, rico em suas peculiaridades. Dessa forma, partilhamos do pensamento de Geertz que vê “a cultura não como

uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado” (1989, p.15).

Através dessa ciência interpretativa, buscamos estabelecer relações com nossos atores, compreendendo o significado de suas práticas, observando e registrando suas construções. Para que mesmo estando nós pesquisadores em situação marginalizada, façamos uma segunda ou terceira interpretação do que foi apresentado pelos nativos, tornando-nos (como etnógrafos), de certa forma, dependente dos mesmos.

Sobre esta sensação Geertz relata que

(...) o que inscrevemos (ou tentamos fazê-lo) não é o discurso social bruto ao qual não somos atores, não temos acesso direto a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela pequena parte dele que nossos informantes nos podem levar a compreender. (GEERTZ, 1989, p. 30)

Ao cruzarmos o corpus empírico com a fundamentação teórica do pesquisador, estamos buscando por codificações, particularidades, minúcias, “*esquisitices*” (GEERTZ 1989, p.55). São detalhes que podem ajudar a interpretar as relações e as singularidades existentes no cotidiano dos *nativos da bola*, mais especificamente dos indivíduos inseridos no universo das categorias de base dos clubes de Pelotas.

A respeito desta relação, Fonseca (1998, p.65) destaca que “(...) A reação do nativo diante de nossa pessoa - seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, franqueza ou indiferença - é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade e dominação.”

A rotatividade dos jogadores é um fenômeno presente no contexto do futebol. Dessa forma, seguir os atores deste processo através das redes sociais tornou-se um recurso viável para alcançarmos alguns objetivos do nosso estudo. Para realizar esse acompanhamento virtual da circulação de atletas, fizemos uso de alguns instrumentos que estão sendo empregados com maior frequência pela metodologia netnográfica ou

como preferem antropólogos e cientistas sociais: etnografia virtual¹⁴.

Apesar da proximidade existente entre etnografia e netnografia, Kozinets (2002) e Lima (2010) apontam que a netnografia pode fornecer algumas contribuições específicas, como a possibilidade do pesquisador lançar mão de recursos metodológicos que demandam menos tempo e menores gastos.

Aliado a isso, as redes sociais propiciam uma interação mútua entre os atores (RECUERO, 2008), condicionando o sujeito à transformação do ser “introspectivo ao ser expositivo” (LIMA, 2010, p.4).

De fato, as interfaces digitais, principalmente através de conversas on-line e da análise de perfis em redes sociais, permitem reconhecer as manifestações culturais cotidianas dos usuários, em especial de futebolistas, que frequentemente transitam nas redes. Guedes Jr. (2013, p.33) aponta que: “realizar um estudo com jovens pressupõe articular e desenvolver procedimentos teórico metodológicos que estejam atrelados à categoria juventude”.

O caráter contingente da netnografia, que a aproxima muito mais de um “artefato” do que de um “método protocolar” (AMARAL, et al, 2008, P. 4), facultou conhecer o traçado futebolístico que estes garotos percorrem durante esse período decisivo da profissão de jogador de futebol: a fase que precede a profissionalização e envolve também as possibilidades de reconversão profissional.

2.2 Logística de campo do estudo – os caminhos percorridos

Para a realização dessa pesquisa foram selecionados cinco (5) clubes da cidade de Pelotas. Desses, três (3) possuem equipe profissional e dois (2) são clubes formadores que no momento não possuem esta categoria.

¹⁴Estes instrumentos serão especificados nos sub-itens 2.2.2 e 2.2.3.

A delimitação empírica da pesquisa abarcou especificamente as categorias juvenil (15 a 17 anos) e júnior (18 a 21 anos). A escolha por essas categorias, dentre outros fatores, deu-se principalmente por um dos objetivos do estudo ser a investigação do processo de inserção ou não desses jovens jogadores “formados¹⁵” pelos clubes estudados no futebol profissional. E também porque, como lembra DAMO (2005, p. 268): “é a partir dos juvenis que os investimentos se intensificam e também onde ocorre o maior número de dispensas”.

2.2.1 A primeira incursão: o diagnóstico dos clubes

A inserção em campo deu-se no segundo semestre de 2013, precisamente no mês de setembro. Neste primeiro contato, a pretensão foi a de tecer um panorama geral dos clubes, em especial de seu departamento amador, além de estabelecer uma rede de contatos e relações com os clubes, assim como com os sujeitos da pesquisa. Estas informações preliminares serviram de sustentação para as etapas subsequentes da pesquisa.

Nessa primeira etapa, inicialmente foi aplicado um questionário diagnóstico aos coordenadores¹⁶ das categorias de base de cada clube, o qual abordou questões referentes às estruturas técnica, como os recursos humanos, e física, no que diz respeito a espaços e materiais, além de alguns aspectos de gestão dos clubes. Em conjunto a este questionário, foram realizadas algumas análises observacionais preliminares sobre a rotina dos clubes, além de conversas informais com pessoas ligadas aos mesmos.

¹⁵No decorrer do trabalho será discutido o que na visão dos profissionais é formar o jogador, que se distingue, mas institui relações também com os conceitos de captar e revelar jogadores.

¹⁶A escolha deste profissional baseou-se nas condições citadas por Spradley (1979, p.46-53) em relação aos requisitos de um bom informante, sendo eles: a) a antiguidade na comunidade e o envolvimento deste com o fenômeno; b) conhecimento amplo e detalhado das circunstâncias que têm envolvido o foco em análise; c) disponibilidade adequada de tempo para participar no desenrolar das entrevistas e encontros; d) capacidade para expressar especialmente o essencial do fenômeno e o detalhe vital que enriquece a compreensão do mesmo.

2.2.2 Conhecendo os atores/nativos: o cadastramento dos jogadores

A segunda etapa do trabalho de campo contemplou os três últimos meses de 2013 e teve como objetivo estabelecer uma relação mais próxima com os jogadores e coordenadores que seriam os sujeitos da pesquisa. A opção por cadastrá-los neste período do ano deve-se ao fato de que é nos finais de temporada que os processos de troca de clube e de categoria ganham força.

O cadastramento dos atletas foi realizado conforme os nomes em lista indicados pelos coordenadores e/ou técnicos. Foram cadastrados os garotos pertencentes à última categoria no processo de formação em seus respectivos clubes, totalizando 124 jogadores, 94 pertencentes à categoria sub-17, distribuídos em 4 clubes, e 30 à categoria sub-20, em 1 clube. Na primeira abordagem, foram registradas informações referentes à procedência dos atletas, de onde vieram e por onde “rodaram”, sua naturalidade, relação com empresário, situação de moradia e grau de escolaridade.

No decorrer do processo de cadastramento, foram recolhidos os respectivos contatos dos atletas via rede social *Facebook*¹⁷, estratégia que utilizamos para auxiliar-nos a acompanhar esses jogadores, após eles trocarem de clube e de cidade. Optamos por esse dispositivo por ele ser o de maior familiaridade entre os jogadores¹⁸. Os garotos foram cadastrados em cinco grupos na rede social conforme seus clubes e com eles procuramos estabelecer um convívio on-line.

¹⁷De acordo com Couto Jr. (p. 16, 2013), o *Facebook* é o software que mais cresce no Brasil.

¹⁸A utilização de e-mail não é um hábito corriqueiro por parte dos atletas, muitos me relataram raramente utilizar. O contato através do telefone também foi pensado, mas constituía-se num outro problema, pois as trocas de números são freqüentes por parte dos atletas e muitos não se mostraram receptivos a responder questões via telefone.

2.2.3 As observações livres: flutuar entre o real e o virtual

Utilizamos também como ferramenta de pesquisa as análises observacionais, em diários de campo, e as fontes documentais, em impressos de periódicos jornalísticos e internet, reportagens televisivas, contratos e fichas cadastrais de atletas, sobre o assunto. Além disso, produzimos anotações de conversas informais com dirigentes, profissionais e atletas ligados aos clubes¹⁹.

Os diários de campo foram realizados entre os meses de setembro de 2013 e novembro de 2014. Apesar das dificuldades em realizar observações nos cinco clubes no mesmo período, os diários de campo nos possibilitaram capturar detalhes e questões do cotidiano dos jogadores, que não seriam possíveis de serem coletadas com os outros instrumentos que utilizamos²⁰.

Para coleta dos dados on-line foram utilizados três tipos de captura, conforme aponta Kozinets (2002): dados copiados diretamente dos membros da comunidade; informações que foram observadas das práticas comunicacionais dos membros das comunidades; e dados levantados em entrevistas com os indivíduos, através de conversas em chats, mensagens instantâneas ou outras ferramentas.

Essas informações foram selecionadas e agrupadas como uma espécie de diário de campo virtual, onde postagens, mensagens e imagens on-line foram salvas no computador no formato “jpg” através do comando “Print Screen”, o que possibilitou a criação de um banco de imagens. Assim, o estudo foi realizado com um suporte de informações e dados presenciais e virtuais.

¹⁹Foram realizadas conversas com coordenadores técnicos e pedagógicos, supervisores, técnicos, preparadores físicos e de goleiros, pedagogas, nutricionistas, empresários, jogadores e seus pais.

²⁰Situações comuns no cotidiano dos atletas a qual nos referimos estão relacionadas, por exemplo, as queixas dos mesmos em relação a profissão e estrutura de trabalho, as rotinas de alojamento, treinos e viagens, o dia a dia entre treino e escola, entre outras situações.

2.2.4 Entrevistas semiestruturadas

A pesquisa contou com a realização de dez entrevistas semiestruturadas: foram entrevistados quatro (4) coordenadores das categorias de base, um (1) dirigente, quatro (4) atletas e uma (1) pedagoga²¹. Os entrevistados foram escolhidos a partir das estratégias pontuais da investigação e interrogados a partir de roteiros específicos adaptados às realidades profissionais suas e de seus clubes.

Os jogadores foram selecionados por representarem diferentes situações profissionais no ano de 2014: o primeiro com a expectativa de apresentar-se na categoria sub-17 de um grande clube brasileiro; o segundo encontra-se desempregado e à procura de algum clube; o terceiro teve propostas para atuar em grandes clubes, porém, uma desilusão o fez desistir da carreira precocemente; o último encontra-se atuando por um clube pelotense, contudo, está sem contrato e em busca de afirmação profissional²². No sentido de termos um maior cuidado ético optamos por utilizar nomes fictícios e preservar a identidade dos entrevistados.

2.2.5 Questionário de Retorno aos jogadores: o mapeamento

No segundo semestre de 2014, um ano após o cadastramento dos garotos, foi realizado um novo contato, objetivando mapear a situação dos mesmos. Em qual localidade se encontravam? Qual a situação profissional de cada um deles em relação ao futebol? Qual a situação daqueles que não conseguiram permanecer no esporte?

²¹ Devido a dificuldade de contato e a pouca disponibilidade de tempo do coordenador de base de um dos clubes, optamos nesta entidade, por entrevistar um de seus principais dirigentes.

²² As entrevistas foram gravadas via gravador Sony (modelo ICD-PX3251F) e transcritas pelo próprio autor, totalizando aproximadamente 6 horas de áudio. As entrevistas com os coordenadores, atletas com clubes e com a pedagoga foram realizadas na sede de seus respectivos clubes. Os jogadores sem clube foram entrevistados na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF/UFPEL).

Conseguiram uma reconversão laboral?

O mapeamento e acompanhamento sobre a situação e perspectiva dos jogadores em 2014 foram tomados a partir da ferramenta digital Google Drive²³, na qual se elaborou um questionário on-line composto por 20 perguntas, em sua maioria abertas. Este instrumento foi encaminhado aos cento e vinte e quatro (124) jogadores cadastrados na pesquisa através de mensagens instantâneas via *Facebook*. Ao final da coleta obtivemos o retorno de oitenta e quatro (84) questionários do total enviado.

A fim de atender aos procedimentos e cuidados éticos, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (CEP-ESEF-UFPeI) e aprovada sob o parecer nº 521.976.

²³Google Drive é um serviço de armazenamento e sincronização de dados em nuvem, possibilitando a criação, o compartilhamento, a edição e a manutenção de conteúdos on-line.

3 DESCRIÇÃO DOS OBJETOS DE PESQUISA

As regiões sul e fronteira do Rio Grande do Sul foram pioneiras no processo de emergência de clubes de futebol no estado²⁴.

Pouco mais de um ano após a fundação do clube mais antigo do país, o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900, o esporte ensaiou seus primeiros passos na cidade vizinha de Pelotas. Registros oficiais da maioria dos jornais da cidade na época sugerem que a realização da primeira disputa de “*football*” em Pelotas foi realizada na Associação União Gaúcha, região do prado pelotense, em 1901, “e se constituiu na primeira partida de futebol planejada e executada na cidade de Pelotas...” (RIGO, 2004. p.259. e ALVES, 1984. p.13)²⁵. Paralelamente ao surgimento das agremiações e dos primeiros campeonatos organizados constituíram-se as primeiras ligas municipais, entre elas a Liga Pelotense de Futebol (LPF), em 1907, reconhecida como a primeira Liga do estado²⁶.

Principalmente por fatores como as conquistas estaduais de seus principais clubes, sendo eles o Grêmio Esportivo Brasil em 1919, o Esporte Clube Pelotas em 1930 e o Grêmio Atlético Farroupilha em 1935; o intenso sentimento clubístico dos torcedores da cidade; por ceder jogadores às seleções gaúcha e/ou brasileira²⁷; e pela revelação de alguns jogadores de renome do futebol brasileiro. Aos poucos, a cidade passou a ser reconhecida como um dos polos futebolístico regional e

²⁴Clubes tradicionais como o 14 de Julho de Livramento/Santana do Livramento (1902), Guarany de Bagé/Bagé (1907), o Sport Club São Paulo/Rio Grande e o Esporte Clube Pelotas/Pelotas (1908), o Sport Club Riograndense/Rio Grande (1909), o Grêmio Esportivo Brasil/Pelotas (1911), o Esporte Clube Uruguaiana/Uruguaiana (1912), o Grêmio Santanense/Santana do Livramento (1913), entre outros.

²⁵O ano de 1906 pode ser considerado o marco da emergência de clubes esportivos e de futebol em Pelotas. É nesse ano que são fundados o Club Esportivo, o Internacional Sport Club e o Foot-Ball Club (RIGO, 2001. P.157).

²⁶Em 1918, dirigentes de Pelotas, Rio Grande, Bagé, Cruz Alta, Uruguaiana e Livramento se reuniram para unificar as ligas e fundar a Federação Rio-Grandense de Desporto, que viria a tornar-se hoje Federação Gaúcha de Futebol (ALVES, 1984. P. 56).

²⁷Por exemplo, Ismael Alvariza do G.E. Brasil em 1920 e Xingo do E.C. Pelotas em 1922 (ALVES, 1984, Ps. 68 e 74).

estadual²⁸.

As categorias de base surgiram nos clubes de Pelotas a partir da década de 10, especificamente no campeonato citadino de 1912, quando foi criado o 3º Quadro nas equipes disputantes. Naquele período, as equipes eram subdivididas em 1º Quadro (equipe titular), 2º Quadro (equipe reserva) e o 3º Quadro (jovens a partir de 14 anos, alcunhados de “Filhotes”)²⁹. Cristovão, que trabalhou no futebol pelotense durante 34 anos, recorda que

(...) até os 20 anos os atletas não eram profissionais, mas depois (não recorda a data) reduziram a idade pra 18 anos pra emparelhar com o quartel... Naquela época, trabalhávamos os meninos para consumo próprio do clube, mas naquela época e até hoje, alguns dirigentes achavam que a base era uma despesa para o clube (CRISTÓVÃO, ex-dirigente, Diário de Campo 28 – 21/08/2014).

A partir da década de 70, as categorias de base ganharam novos contornos: a categoria Juvenil teve sua idade limite reduzida para 17 anos e houve a inclusão de novas categorias como o Dente de Leite, o Infantil, o Infante e o Júnior, moldes estes muito semelhantes ao que observamos atualmente (IZAN MULLER, PESQUISADOR, DIÁRIO DE CAMPO 34, 09/12/2014).

Paralelamente ao trabalho de formação de jogadores nas categorias de base do futebol, Pelotas é uma cidade que possui também uma forte tradição no futsal. Assim, muitos jogadores começam nos clubes de futsal da cidade e depois migram para clubes de futebol³⁰.

²⁸Podemos citar Daniel Carvalho (quando atuava jogou em clubes como S.C.Internacional-RS, S.E.Palmeiras-SP, CSKA-Rússia e E.C.Criciúma-SC), Emerson da Rosa (quando atuou como profissional teve passagens por renomados clubes europeus como Milan-ITA, Real Madrid-ESP, Juventus-ITA, entre outros, além de ter tido importante participação na seleção brasileira como capitão), Taison Barcelos (atualmente no Shakhtar Donetsk da Ucrânia) e Michel Bastos (lateral da seleção brasileira na Copa de 2010), entre outros. Embora os três primeiros citados tenham sido revelados nacionalmente pelo Grêmio de Futebol Porto-alegrense e Sport Clube Internacional (clubes situados na capital do Estado do Rio Grande do Sul), os mesmos iniciaram seus processos de formação nas categorias de base do Progresso Futebol Clube, conhecido centro de formação local.

²⁹A partir de 1939 extingue-se o termo “quadro”, e as categorias dos clubes passam a receber os seguintes nomes: Time Titular (antigo 1º Quadro), Aspirante (antigo 2º Quadro) e Juvenil (antigo 3º Quadro). Esta última categoria utilizava jovens até os 20 anos de idade. Estas nomenclaturas perduraram até o início da década de 70, quando ocorreram novas transformações.

³⁰Destaca-se no futsal da cidade os trabalhos de formação realizados por Paulista Futebol Clube e pelo

Apesar de atualmente subdividirem suas categorias de forma semelhante, os clubes pelotenses adotam lógicas distintas em relação a seus sistemas de formação. Assim, Damo (2005) classifica os clubes através dos seguintes modelos de formação: *Exógeno*, *Endógeno* e *Híbrido*. O modelo *endógeno* se caracteriza por formar prioritariamente para o próprio clube.³¹ O modelo *exógeno* forma o atleta para negociá-lo com clubes, investidores ou redes de agenciamento, este é o modelo adotado por dois de nossos objetos: Fragata F.C. e Progresso F.C. Já o modelo *híbrido ou misto* mescla as duas lógicas anteriores, (*exógena* e *endógena*), formando atletas para o próprio clube ou visando negociá-los. Os clubes profissionais da cidade, G.E.Brasil, E.C. Pelotas e G.A. Farroupilha são adeptos deste modelo.

Como este estudo trata da formação de jogadores na cidade de Pelotas, a seguir faremos a descrição dos cinco clubes que constituem o objeto desta investigação, Esporte Clube Pelotas, Fragata Futebol Clube, Grêmio Atlético Farroupilha, Grêmio Esportivo Brasil e Progresso Futebol Clube. No decorrer do texto estes clubes serão tratados apenas por Pelotas, Fragata, Farroupilha, Brasil e Progresso.

3.1 Esporte Clube Pelotas

Fundado em 11 de outubro de 1908 após a fusão do Club Sportivo Internacional e o Foot-ball Club, o Pelotas tinha como “objetivo fundar uma associação desportiva que estivesse à altura do progresso que a cidade vinha experimentando na época”

Clube Brilhante, agremiações tradicionais do salonismo pelotense. O Diário Popular, jornal de grande circulação na cidade, na sua edição do dia 17/10/2010 aponta que Pelotas possui em torno de 15 locais que trabalham com formação de jogadores, sendo que ao menos 7 com futebol de campo. São eles: E.C. Pelotas, G.A. Farroupilha, G.E. Brasil, Fragata F.C., Progresso F.C., Sudeste F.C. Em 2014 foi lançado na cidade um projeto satélite do Botafogo F.R., do Rio de Janeiro, que visa expandir a marca do clube na região e aumentar sua capacidade de prospecção de atletas.

³¹O autor cita o Club Athletic de Bilbao da Espanha como exemplo deste modelo. Para saber mais sobre os modelos de formação ver: Damo (2005) – Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.

(<http://ecpelotas.com.br/clube/historia/>). Fortemente vinculado à aristocracia pelotense da época, o clube teve papel pioneiro na consolidação do futebol no estado propondo a criação da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) em 1918³². Além de sua força política, as condições econômicas do clube naquele período possibilitavam o acerto com jogadores estrangeiros que gozavam de certo prestígio no futebol da época, principalmente os uruguaiois (RIGO, 2004, P.163)³³.

O “Lobão”, nome totêmico utilizado por sua comunidade de pertencimento, participa atualmente (2015) de disputas profissionais apenas em nível estadual, onde participa da Divisão de Acesso no primeiro semestre (equivalente a segunda divisão estadual) e das Copas da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) na segunda metade do ano. O clube atravessa um período de reestruturação técnica e financeira após um ano de 2014 sofrível dentro e fora de campo.

A estrutura física do clube está distribuída em dois núcleos, o estádio da Boca do Lobo e o centro de treinamento (CT) “Parque Lobão”. O estádio possui boas acomodações e normalmente é utilizado pela equipe profissional tanto em treinos como em partidas em que o clube é mandante, assim como em jogos das categorias de base ou do futebol feminino do clube. No caso da base em específico, a mesma dispõe e faz uso de outras estruturas internas do estádio, como a sala exclusiva do setor, o departamento médico, a sala de fisioterapia, a rouparia, a academia, etc.

O CT possui em sua estrutura quatro (4) campos, – três (3) disponíveis à base - piscinas, vestiários, churrasqueiras, estacionamento e área de recreação, distribuídos

³²Segundo Rigo (2004, p. 154), a posição contrária do clube em relação à miscigenação racial no futebol durou até os anos 30, e de certa forma intensificou a rivalidade entre G.E. Brasil e E.C. Pelotas, que divergiam em relação à aceitação de negros e mulatos em suas equipes. Tais posições difundiram na cidade o slogan: “Negrinhos da Estação (Brasil) versus Fidalgos da Avenida (Pelotas)”.

³³Entre os principais feitos do clube estão a disputa da primeira partida da seleção uruguaia em solo brasileiro em 1911, o título de campeão gaúcho em 1930, 19 títulos citadinos e diversos títulos regionais. Em nível interestadual, participou da Copa do Brasil de 2003, da Copa Sul-Minas de 2002 e de campeonatos brasileiros da terceira e quarta divisões nacionais em outros anos.

numa extensa área verde e muito arborizada. Os “alojamentos” – ou os apartamentos aos quais os meninos ficam alojados - estão localizados fora do CT e segundo o coordenador de base, permitem acomodar até doze (12) meninos.

Em relação aos recursos humanos disponibilizados as categorias de base, o Pelotas adota a postura de valorização de profissionais que já passaram pelo clube, ex-atletas, acadêmicos, colaboradores, entre outros. “Temos ex-atletas que estagiam aqui... já foram mais de 20 em 5 anos, e os que trabalham assalariados também como o Felipe Muller e o Roger Bauer, ex-jogadores do clube” (MOISÉS, COORDENADOR DE BASE, DIÁRIO DE CAMPO 16, 12/03/2014). O corpo técnico disponível para à base conta com um (1) coordenador, dois (2) técnicos (um para as escolinhas e outro para as equipes de competição), um (1) preparador físico (para todas as categorias) e quatro (4) estagiários do curso de Educação Física, que atuam nas funções de auxiliar de preparação física e na preparação de goleiros.

Já os profissionais da área da saúde atuam junto à base apenas em casos de lesão, quando absorvem o problema. Como não há médico, fisioterapeuta, nutricionista, etc., que acompanhe o dia a dia dos meninos, não há como tratar casos em caráter preventivo³⁴. Sobre a composição das equipes técnica e de saúde, Moisés, coordenador de base do clube, acredita que os projetos neste sentido, estão distantes da realidade da maioria dos clubes locais: “Então toda essa metodologia, ela é fantástica na teoria, mas na prática ela passa por outros fatores muito maiores” (MOISÉS, COORDENADOR DE BASE, DIÁRIO DE CAMPO 16, 12/03/2014).

Embora o clube possua estrutura física adequada, os baixos investimentos comprometem, entre outras coisas, a contratação de profissionais para as equipes de apoio e a qualidade do trabalho dos que lá se encontram. Com os investimentos quase

³⁴Moisés relatou que o clube disponibiliza todo acompanhamento médico necessário aos meninos em caso de lesão e que inclusive já passaram por procedimentos cirúrgicos pelo clube mais de 10 meninos. Além disso, em termos nutricionais, o clube fornece café da manhã, almoço e janta aos atletas alojados e para os mais carentes que moram na cidade.

que em sua totalidade direcionados ao profissional, a base fica à mercê de sua própria criatividade para angariar fundos. O coordenador do setor de formação analisa esta situação da seguinte forma:

(...) se for para te dar um valor, te diria que o clube gasta em torno de R\$75 mil por ano com a base... Arrecada nada! Arrecadar ultimamente agente não tem arrecadado, faz algum tempo que agente não comercializa algum atleta. Então assim ó, o último que agente conseguiu vender foi R\$120 mil, de lá pra cá agente não conseguiu mais ninguém... eu sinto falta de mais estrutura para trabalhar e principalmente de apoio financeiro, o investimento é muito pequeno. (MOISÉS, Coordenador de Base, Diário de Campo 16, 12/03/2014).

Segundo os formadores, além da falta de recursos, a lei não protege os clubes menores, e vai além, pois cria sistemas burocráticos que beneficiam empresários e as grandes agremiações, dificultando a manutenção de atletas que venham a se destacar na base de clubes de menor expressão³⁵: “a única maneira de tu segurar um atleta é tu investir alto nele, e o Pelotas, por exemplo, não tem essa condição” (ENTREVISTA COM MOISÉS, COORDENADOR DE BASE, 2014).

Nas categorias de base, o clube trabalha com aproximadamente 140 meninos, distribuídos em sete (7) categorias. Os meninos das categorias sub-11/12/13/14 são classificados pelo clube como sócios contribuintes e compõem a chamada escolinha³⁶. Já a equipe sub-15 é considerada como semicompetitiva, pois parte do time é considerado de competição e a outra é trabalhada como escola. Nela, os jogadores ainda arcam com suas próprias despesas. De caráter totalmente competitivo e com as despesas todas custeadas pelo clube, as categorias sub-17 e sub-20, são as últimas etapas do processo de formação dentro da agremiação. Cabe ressaltar, para fins desta

³⁵Exemplo destes sistemas é a chancela da CBF e o registro de clube formador de nível A. Este registro limita-se a poucos clubes no país, e os benefícios com tal registro são incontestáveis, porém, os mecanismos de inclusão neste sistema tornaram praticamente inviável a inclusão dos clubes pelotenses, exceto o Fragata F.C.

³⁶O futebol populariza o lazer e está cada vez mais imerso numa lógica econômica onde se estabeleceram novos processos de formação de jogadores, voltado ao modelo de escola (“escolinha”). A adesão às escolinhas dos clubes vem se tornando prática comum em todo país, havendo gradualmente, uma elitização da classe nela inserida. Pimenta (2000, p.30), diz que “a classe média passou a enxergar o futebol como um meio de vida para seus filhos, investindo em escolinhas de futebol como quem investe em uma escola de língua”.

pesquisa, que foram averiguados os dados da categoria sub-17, pois a categoria sub-20 veio a constituir-se já na fase final da investigação, o que impossibilitou sua análise³⁷.

O Pelotas tem por característica ser um dos clubes pesquisados que busca a partir de suas escolinhas, formatar as bases de suas categorias subsequentes. Apesar de aparentemente óbvia, esta não é a lógica mais utilizada nos clubes da cidade, que utilizam suas escolinhas apenas como fonte de renda e/ou de aproximação com seus torcedores, como veremos mais adiante. Na categoria juvenil da entidade, muitos foram os meninos que passaram por esse processo.

Sobre as razões destes vínculos mais extensos, Moisés atribui a dois fatores fundamentais:

(...) Porque eles encontram estrutura e um comprometimento de continuidade no trabalho, os conscientizo de que eles possuem um bom grupo e que podem crescer juntos. Temos gerações que duram de 4 a 5 anos no clube. Esse trajeto é bem benéfico para os meninos da escolinha baseado que os profissionais que trabalham na sub-17 e sub-20 são os mesmos que trabalham na escolinha. É muito difícil a gente dispensar o menino, a não ser que o extracampo dele venha a atrapalhar o restante do grupo (Entrevista com MOISÉS, Coordenador de Base, 2014).

Embora a proposta de continuidade, as dificuldades financeiras e a falta de planejamento levam com certa frequência ao fechamento de determinada categoria, em especial as sub-17 e sub-20, interrompendo um ciclo em seu período crucial de transição profissional. Por demandarem maiores custos, inclusive com contratos profissionais, estas categorias são as mais vulneráveis nos momentos de crise:

(...) a insegurança em relação ao clube faz com que se perca atletas. Tu acha

³⁷Quando realizei o cadastramento dos atletas da categoria juvenil ao final de 2013, muitos meninos já haviam deixado o clube e os treinamentos da categoria na temporada já haviam sido interrompidos, o que dificultou meu contato pessoal com os sujeitos. Tive a expectativa de estabelecer esta proximidade em 2014, porém com as dificuldades financeiras, o clube abriu mão de disputar o estadual da categoria, o que provocou uma dispersão dos jogadores por mim cadastrados. Em 2014 o elenco da categoria foi totalmente remodelado, não restando nenhum de meus informantes no grupo. Um destes meninos foi promovido ao profissional do clube e grande parte foi liberada.

que um atleta que encerra seu ciclo no sub-17 está pronto? Cara tu dá graças a Deus quando o menino tá sendo destacado e ele é vendido, o clube dá graças a Deus porque tá vindo dinheiro pro clube e ele vai pagar as contas, mesmo que fique faltando aquela peça e o negócio não seja o ideal para o clube... pelas situações que se arrastam há alguns anos (Entrevista com MOISÉS, Coordenador de Categorias de Base, 2014).

Outra barreira citada pelos formadores é a dificuldade de inserir os jovens na equipe profissional do clube, pois na visão dos mesmos não há paciência por parte de dirigentes e da torcida. A pressão por resultados e as muitas formas de cobrança recaem sobre os meninos e o treinador da equipe profissional, que vê no resultado de campo sua sobrevivência no cargo, deixando a utilização dos jovens em segundo plano. Um fator positivo nesta relação base/profissional no Pelotas é a proximidade entre os departamentos, pois nas últimas três comissões técnicas que passaram pelo profissional do clube, em todas o treinador das equipes sub-17 e sub-20 fazia parte da mesma.

Em relação aos projetos futuros do Pelotas para a base, os formadores relataram não haver qualquer planejamento estratégico para o setor, ao menos nos próximos dois anos. Justificam que a ausência de calendário fixo de competições, principalmente por parte da equipe sub-17, de certa forma desmobilizou o setor no ano de 2014³⁸.

A instabilidade administrativa faz com que o andamento de qualquer projeto nas categorias de base do clube torne-se dependente do próximo presidente, pois os planejamentos, quando existentes, possuem prazo de validade conforme o tempo de gestão do grupo diretivo. Neste ínterim, abre-se e fecha-se categorias, investimentos encolhem, arquitetam-se equipes às vésperas de competições e o ciclo vicioso do imediatismo se mantém, abastecido pela abnegação de profissionais opostos a estas práticas, mas ao mesmo tempo imersos neste sistema.

³⁸A equipe juvenil do Pelotas disputa habitualmente competições regionais e estaduais, entre elas a Copa SAFERGS, a Copa Cidade Verde e o Campeonato Estadual da Federação Gaúcha de Futebol (FGF). Em 2013 a categoria sub-17 disputou o Torneio *Memorial Pierro Montani e Rosvilde* na Itália, sendo o único representante da América Latina no torneio.

3.2 Fragata Futebol Clube

Fundado em 2010 pelo ex-jogador Emerson Rosa³⁹, o Fragata trabalha somente com formação de jogadores através de uma visão mercadológica baseada na venda e no lucro (*modelo exógeno* de formação). Antes da FIFA intervir no processo, a possibilidade de intermediação e coparticipação em transações e contratos de jogadores fez com que muitos empresários do futebol investissem em clubes hospedeiros ou em “times de empresários”, como o Fragata⁴⁰. Caetano e Rodrigues (2009) ressaltam o surgimento destes clubes formadores pós Lei Pelé, tomando como exemplos clubes como o Anápolis S/A de Goiás, o Corinthians de Alagoas, o Matsubara no Paraná e o Villa Rio do Rio de Janeiro.

O Fragata possui uma estrutura patrimonial, administrativa e metodológica qualificada e projetada em mecanismos europeus. Seu centro de treinamento está preparado para alojar, de forma confortável, até 50 meninos. A estrutura ofertada no alojamento dispõe de bons quartos, salas de convivência com TV a cabo, vídeo game, filmes, etc., sala de estudos, câmeras de segurança, entre outros atributos. A ala que aloja os jogadores da categoria juvenil é separada da que abriga os jovens do infantil, atendendo assim, as exigências do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que prevê esta distinção⁴¹.

O clube conta ainda com três campos, sala de reabilitação e fisioterapia,

³⁹Emerson Rosa atuou em clubes importantes do continente europeu como Real Madrid C.F.(Espanha), A.S. Roma (Itália), Juventus F.C. (Itália) e A.C. Milan (Itália) e nos brasileiros Grêmio F. POA/RS e Santos F.C./SP. Além disso, defendeu a seleção brasileira em 76 jogos.

⁴⁰Apesar de recente, o clube destacou-se em algumas competições estaduais e nacionais de categorias de base, dentre elas as Copas Promissão e Carpina (sub-17 e sub-16), realizadas em São Paulo e Pernambuco, respectivamente, e que reúnem alguns dos melhores clubes brasileiros no quesito formação. Além destas, o clube participa de competições estaduais em três categorias, sendo algumas a Copa SAFERGS, a Copa Cidade Verde, o Campeonato Gaúcho e outras competições menores que possam surgir e que sejam viáveis para o clube.

⁴¹No Fragata é possível ver de forma mais nítida esta dominação espaço temporal e suas manifestações através do disciplinamento exigido pelo internato. Os meninos são sujeitos a um cronograma diário, com hora para acordar e para dormir, o uso da internet é limitado até as 22hs e há horários para as refeições e para os banhos. Os jogadores albergados têm seus horários controlados por monitores e estipulados pela administração em conjunto com as pedagogas do clube.

departamento médico, rouparia, vestiários, cozinha, refeitório, bar, sala de análise de desempenho, da comissão técnica, de imprensa, sala de supervisão e coordenação administrativa, além da sala do presidente.

A estrutura de recursos humanos do clube dispõe de profissionais nas áreas administrativa, técnica, de saúde e social. Os atletas possuem à disposição dois (2) coordenadores, um geral e outro administrativo; três (3) supervisores, um para cada categoria; três (3) treinadores e três (3) auxiliares, todos formados em Educação Física e com estudo e entendimento da metodologia trabalhada, sendo estas, algumas das exigências do clube na contratação destes profissionais; um (1) preparador de goleiros para todas categorias; três (3) olheiros⁴²; três (3) médicos, dois traumatologistas e um clínico geral; dois (2) fisioterapeutas; uma (1) nutricionista e duas (2) pedagogas, sendo uma contratada e outra estagiária.

A agremiação trabalha com aproximadamente 80 jogadores distribuídos nas categorias sub-14, sub-15 e sub-17. A primeira categoria é considerada “caça talentos” e as categorias subsequentes são equipes de competição e exposição dos atletas, sendo todas inteiramente sustentadas pelo clube.

Segundo um dos supervisores, o investimento demandado para a sustentação do processo de formação no clube “varia entre 90 e 100 mil reais por mês”, o que permite estimar um gasto aproximado de um milhão e duzentos mil ao ano, “é pouco perto do Inter (POA), por exemplo, que é de 10, 11 milhões por ano”, comparou. Mesmo com os investimentos, os meninos não recebem salário, prêmio ou alguma ajuda de custo, pois segundo o supervisor, o investimento é direcionado a oferecer uma excelente estrutura aos mesmos: “essa é a ajuda que eles recebem, o que muitos clubes não oferecem” (EMANUEL, SUPERVISOR, DIÁRIO DE CAMPO 6, 08/10/2014).

O Fragata é um local de excelência na formação de futebolistas, se englobadas

⁴²O Fragata possui um captador que cobre a região da grande São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, outro que abrange todo o estado do Rio Grande do Sul e um terceiro que atua na cidade.

todas as condições estruturais ofertadas, apesar de o clube ainda necessitar se estabelecer no mercado com um número maior de jogadores ali formados⁴³. Na perspectiva de ampliar o mercado para seus jogadores, em novembro de 2014, o Fragata tornou-se uma espécie de clube satélite da A.S.Roma, tradicional equipe italiana. A parceria tem o prazo de cinco (5) anos e visa o intercâmbio de jogadores e formadores entre os clubes.

Cada atleta é tratado no Fragata como um projeto, que envolve um planejamento de quatro (4) a cinco (5) anos, visando encaminhar o jogador a outro clube assim que o mesmo atinja seu primeiro ano de juvenil. Para que este projeto de longo prazo tenha fluidez e resguardo, o Fragata utiliza sua chancela de formação obtida junto a CBF, protegendo seus interesses frente ao possível assédio de outros clubes. Todos os atletas possuem contrato de formação, onde, através deste, os mesmos ficam relativamente protegidos perante a lei.

Além dos cuidados com as questões profissionais dos atletas, o Fragata, através do trabalho conjunto de pedagogas e coordenadores, realiza o controle da vida social e estudantil dos meninos alojados⁴⁴.

Com base no trabalho multidisciplinar, o Fragata tem como preocupação a formação do atleta/cidadão. Sua filosofia de formação pauta-se pela construção gradual de um *habitus* típico do clube, abarcando estilo de jogo, esquema tático, comportamento extracampo, inclusive nas redes sociais⁴⁵, entre outros elementos

⁴³Em janeiro de 2015 o jornal de maior tiragem na cidade noticiava a venda do que seria o “primeiro fruto” do trabalho de quatro anos realizado pelo clube. O Fragata negociou 50% do passe de Marciel da Silva com o Sport Club Corinthians Paulista num valor aproximado de 1 milhão de reais, valor considerado elevado para o contexto do futebol pelotense (Jornal Diário Popular, 26/01/2015).

⁴⁴As pedagogas realizam matrículas, encaminham guias de transferência, controlam notas e frequência escolar e mantêm o contato permanente e de forma semanal com as instituições de ensino. Além do estudo regular, os jovens têm aulas básicas de espanhol e italiano, visando em caso de uma transferência ou estágio internacional, facilitar a adaptação dos meninos a clubes europeus. O cuidado com a escolarização dos meninos acontece inclusive em casos de atletas que estão deixando o clube: “eles não ficam a deriva, eles ficam semiligados ao Fragata”, diz uma das pedagogas.

⁴⁵As orientações envolvem o cuidado com postagens no *Facebook*, evitando fotos sem camiseta, com bebidas alcoólicas, evitar o uso excessivo das redes de forma a atrapalhar o sono, entre outros. De

(RODRIGUES, 2003).

A filosofia de trabalho no clube está pautada na periodização tática, fundamentada em conceitos oriundos da escola portuguesa de futebol e que têm nas figuras de José Mourinho e de outros treinadores portugueses, as ferramentas de sua popularização⁴⁶. Gustavo, treinador do clube, tentou resumir a metodologia adotada no Fragata da seguinte forma:

(...) não usamos macrociclos, periodizamos somente com microciclos, trabalhando jogo a jogo. Não tenho como saber como meu time vai ta daqui há uns meses... trabalhamos nos treinos sempre com bola, tudo baseado em quatro momentos jogo: organização ofensiva e defensiva, e transição ofensiva e defensiva. Preocupados sempre em atender as dimensões que envolvem a organização de uma equipe no jogo: dimensão física, técnica, estratégica e psicológica. (GUSTAVO, Treinador, Diário de Campo 03- 01/10/2013).

Segundo o auxiliar técnico Belchior, a metodologia apresenta-se como uma das barreiras à adaptação dos jovens ao clube, pois os jogadores chegam acostumados a metodologias tradicionais e opostas ao que é abordado no Fragata.

Palestras técnicas e táticas são corriqueiras no clube, principalmente após os jogos de cada categoria, onde o esforço é para “ninguém correr sozinho”. O atleta Isaías destaca que “o jogo aqui é mais estudado”, onde a preocupação com o conhecimento tático por parte dos meninos é mais aprofundado, traduzidos por eles em frases como “correr certo, saber correr, compactar, dobrar a marcação, zona de pressão”, entre outros termos (ISAÍAS, ATLETA, 16 ANOS, DIÁRIO DE CAMPO 31, 2014). Roberto, coordenador pedagógico do clube, ressalta que o Fragata preconiza os

acordo com vários formadores, o comportamento inadequado nas redes pode ter efeitos negativos na carreira dos meninos.

⁴⁶Para saber mais sobre Periodização Tática ver algumas obras como: Castelo (1996) - A Organização do Jogo. Como entender a organização dinâmica de uma equipa de futebol e a partir desta compreensão como melhorar o rendimento e a direcção dos jogadores e da equipa. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana; Frade (1990) - A Interação Invariante Estrutural da Estrutura do Rendimento do Futebol, como Objecto de Conhecimento Científico. Uma proposta de Explicitação de Causalidade. Projeto de Doutoramento. Não Publicado. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto da Universidade do Porto; Garganta (1997) - Modelação da Dimensão Tática de Jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Dissertação de Doutoramento não publicada. Porto: Faculdade de Desporto Universidade do Porto, entre outros.

aspectos coletivos do jogo, e nessa linha, o jogador precisa ter caráter para estar envolvido nesta forma de trabalho. Segundo o coordenador, este é o tipo de jogador que o clube quer formar, primeiramente atletas de caráter.

Em relação a futuros projetos, o planejamento estratégico do clube prevê a formatação de uma equipe profissional, com o intuito de proporcionar a continuidade do trabalho realizado com os jovens. Esta ascensão a clube profissional poderá ocorrer no prazo mínimo de dois (2) anos.

Ao longo do período de acompanhamento no clube, não verificamos mudanças consideráveis no processo de formação. O corpo técnico e as equipes de saúde e assistência pouco se modificaram e o plano metodológico se manteve constante. De acordo com Emerson da Rosa, presidente do clube “isso é planejamento a longo prazo, algo que não temos no futebol brasileiro, nosso futebol vive do imediatismo do resultado...”(CABRAL, 2015⁴⁷).

3.3 Grêmio Atlético Farroupilha

Formado por militares pertencentes ao 9º Regimento de Infantaria do Exército Brasileiro, o clube foi fundado em 26 de abril de 1926 com o nome de Grêmio Atlético 9º Regimento. Com o decreto do então presidente Getúlio Vargas proibindo que as unidades militares emprestassem seu nome a associações civis, em 1941, a agremiação recebeu o nome de Grêmio Atlético Farroupilha. O novo nome é uma alusão ao principal título do clube, o de campeão gaúcho de 1935, centenário da Revolução Farroupilha (Disponível em: <http://www.gafarroupilha.com.br>) ⁴⁸.

Atualmente (2015) a equipe profissional do Farroupilha disputa a terceira

⁴⁷CABRAL, Sérgio. In. **Diário Popular**, Pelotas, 27 jan. 2015.

⁴⁸Além de seu único título estadual, o Farroupilha possui 09 títulos de campeão da cidade e alguns títulos de abrangência regional.

divisão do campeonato estadual e as copas promovidas pela FGF no segundo semestre. Nas categorias de base, o clube trabalha com aproximadamente 90 atletas, distribuídos em três (3) categorias (sub-13, sub-15 e sub-17) ⁴⁹.

Apesar de classificá-lo conceitualmente a partir de uma lógica profissional baseada na produção/formação de jogadores (modelo *híbrido* de formação), o processo no Farroupilha gradualmente revelou características de um trabalho de cunho social, onde a preocupação maior não residia na formação de jogadores. Segundo o treinador Carlos, os treinamentos no clube surgem como uma alternativa de refúgio a rua, a drogadição, a criminalidade e a violência. Sob essa premissa, o clube instaura o que Wacquant (2002) referenciou de “*Sociabilidade Protegida*”- na academia de boxe -, uma forma de interação social e blindagem institucional que visa resguardar os garotos dos reveses da vida cotidiana.

O altruísmo se estabelece como um comportamento basilar nas categorias de formação do clube, especialmente entre o único treinador da base e os meninos, expresso na organicidade relacional dos mesmos, onde, segundo Carlos, “ninguém é excluído porque não sabe jogar, se não sabe vai aprender... é um ajudando o outro”. (ENTREVISTA COM CARLOS – TREINADOR, 2014).

Preocupações comuns observadas em outros clubes, a exemplo da seletividade técnica e o nível maturacional dos atletas, era praticamente inexistente no Farroupilha, pois nas condições observadas, formar um jogador seria praticamente um acaso.

As categorias de base do clube, aos menos nos anos de 2013 e 2014, eram utilizadas como ferramentas de socialização e aproximação entre clube e torcedores. O Farroupilha buscava com sua base captar algo que a entidade pouco possui: sócios e torcedores. Em todas as categorias, os pais dos atletas eram obrigados a se associar

⁴⁹As categorias existentes no clube disputam anualmente competições regionais e estaduais como a Copa Cidade Verde, o Campeonato Estadual, Copa SAFERGS, Torneio de Saudades (SC) e outras competições de menor expressão.

ao clube de forma a manterem seus filhos treinando. O coordenador de base do clube, explicou que

(...) Todo jogador, o dinheiro que os pais pagam para o clube como sócio, ele fica pra base, ele não é direcionado pro clube, mas mesmo assim os pais tem que ajudar num ônibus, numa alimentação... todos pais tem que ser sócios do clube e os filhos estar estudando (Entrevista com ELIAS, Coordenador de Base, 2014).

Apesar da tentativa de aproximação do clube com os pais dos atletas, as categorias de base constituíam-se praticamente como uma entidade a parte, tal era o distanciamento da mesma em relação a outros segmentos do clube. O treinador Carlos relatou que o clube não realizava qualquer investimento no setor: “Nenhum! Nada! Quem ajuda e banca as viagens são os pais. Eu digo pra eles quanto vai saí pra jogar tal competição e eles se organizam e ajudam os guris”. (CARLOS, TREINADOR, DIÁRIO DE CAMPO 07, 20/12/2013).

Sem investimentos, a base do Farroupilha adota, além da contribuição dos pais, outras estratégias na tentativa de manter seu funcionamento. Bingos, rifas, jantares, bailes e doações são algumas das formas de sustentação das categorias de formação.

No aspecto organizacional, o clube não possuía até o final do ano 2014, qualquer estratégia formal de acompanhamento dos jovens que por ali circulavam, sendo que o Departamento de Registro de Atletas (DRA) do clube foi inaugurado neste período. A ausência deste setor, segundo alguns dirigentes, impediu o clube de reivindicar retorno financeiro pelos atletas formados.

A categoria juvenil, objeto deste estudo, passou por vários problemas durante a preparação e disputa do Campeonato Gaúcho da segunda divisão. Ao iniciar pelos treinamentos, onde o fluxo de meninos era constante, o que dificultou até mesmo em estabelecermos o número aproximado de atletas que pertenciam à categoria.

Como o clube não possui centro de treinamento (CT), as atividades das categorias de formação são realizadas no estádio do 9º Batalhão de Infantaria

Motorizada de Pelotas, que cede gratuitamente o espaço. O acesso é público, o que exclui qualquer possibilidade de privacidade nos treinamentos⁵⁰. Nos jogos, o Farroupilha oferta à categoria sub-17 o estádio Nicolau Fico, sede oficial do clube, mas este acesso restringisse ao campo e aos vestiários.

Os recursos humanos disponíveis aos jovens resumia-se a três (3) pessoas: o treinador, responsável técnico por todas as categorias do clube, o “preparador físico”, reformado do exército e sem formação superior, e uma idosa que atuava como uma espécie de secretária do treinador, auxiliando-o nos trâmites burocráticos junto à federação e na organização de eventos e viagens das categorias. Não há profissionais e nem estrutura do departamento de saúde disponível aos meninos, ficando os primeiros restritos apenas ao atendimento da equipe profissional. Na equipe técnica há carências como preparadores físicos e de goleiros, por exemplo⁵¹.

No início de 2014, após processo eleitoral no clube, diversas mudanças ocorreram nas categorias de base, onde um novo projeto foi elaborado. Neste, o sistema de formação do clube apresentava uma nova formatação, com o acréscimo de categorias (sub-9, sub-11 e sub-19) e com a inserção de profissionais de diferentes áreas. Lucas, novo supervisor da categoria juvenil, explicou que este projeto visava proporcionar aos meninos acompanhamento médico, fisioterápico, odontológico, nutricional e social, algo até então impensável para a realidade do clube. Segundo o supervisor, uma parceria entre o clube e a Universidade Federal de Pelotas estava alinhavada e neste acordo estava previsto a inserção de estagiários destas áreas no cotidiano do clube.

Este novo projeto teve duração de três (3) meses. As dificuldades financeiras e

⁵⁰Muitas pessoas utilizam diariamente a pista atlética ao redor do gramado para realizar seus treinamentos. Esporadicamente, outros clubes reivindicam o uso do gramado. Além disso, neste estádio não há vestiários e os jogadores trocam de roupa na arquibancada do estádio.

⁵¹No torneio disputado na cidade de Saudades (SC), em 2014, o Farroupilha foi a competição sem estes profissionais. O aquecimento da equipe antes de cada partida era realizado por um dos zagueiros do time.

os frequentes conflitos internos levaram o clube a retirar todas as categorias dos campeonatos em que disputavam e ao fechamento temporário do departamento. A categoria juvenil tornou-se a grande vilã da crise, pois segundo dirigentes, a disputa no certame estadual gerou dívidas significativas e provocou cisões no clube, que culminaram com um novo remodelamento do setor, o terceiro em menos de um ano.

Passada a turbulência, o Farroupilha tentará novamente (em 2015) reorganizar suas categorias de base, e curiosamente com um discurso semelhante aos apresentados anteriormente:

(...) É pra longo prazo, é um projeto pra começar pra quatro, cinco anos, é um trabalho gradativo, pra pegar ele (jogador) com 9 anos, trabalhar 7,8,9, 10 anos pra ele chegar com 19 anos em condições de ser um excelente profissional. E se não for, ser um excelente cidadão (Entrevista com CAETANO, novo coordenador de base do clube, 2014).

É possível verificar que mudam os dirigentes, mas os discursos permanecem, baseados em projetos teoricamente sólidos, mas utópicos para a realidade do clube.

Mesmo com as adversidades, os dirigentes ressaltavam os resultados de campo obtidos nos últimos anos, com diversos títulos regionais. Em contrapartida, admitiam terem sido poucos os atletas profissionalizados pelo clube no mesmo período. O núcleo deste descompasso estaria no ciclo de formação do clube, que prevê seu teto na categoria juvenil, provocando significativo distanciamento da equipe profissional, tornando o processo excludente aos jovens:

(...) Os treinadores do profissional na realidade sempre viram a base de uma forma muito distante do trabalho deles, porque eles eram contratados pelo imediatismo de 3 a 4 meses de trabalho e como a base do Farroupilha só chega ao juvenil, tu tem jogador de 15, 16 anos pra jogar profissional com jogador de 30, 32. Não tinha a cultura do sub-23. Então a distância é muito grande, e praticamente não observavam os meninos. (Entrevista com CAETANO, novo coordenador de base, 2014).

A omissão e a desorganização diretiva, aliadas à ausência de uma categoria sub-20 e ao distanciamento entre os departamentos profissional e da base tornavam

tênuas as perspectivas de profissionalização dos meninos dentro do clube⁵². Mesmo alegando preocupação com esta situação e com a reconversão profissional dos meninos, a agremiação não institui qualquer estratégia formal de acompanhamento à escolarização e à carreira esportiva de seus jovens, limitando sua fiscalização ao diálogo informal com os responsáveis pelo atleta.

Tais deficiências, segundo a maioria dos informantes, são reflexo da incapacidade dos dirigentes e formadores do clube. No Farroupilha, a maior parte dos “profissionais” não são remunerados e não possuem qualquer formação na área em que atuam. Além disso, dividem o tempo no clube com seus afazeres profissionais. São, na verdade, abnegados que dedicam parte do seu tempo às questões da entidade e, jocosamente, intitulam-se como “gerente de problemas”, principalmente porque “trabalhar com o descontentamento é uma tarefa diária.”

As situações acima descritas retratam parte da fragilidade do planejamento e da estrutura do clube, onde projetos e categorias surgem e desaparecem rapidamente. Esses moldes atuais de formação no Farroupilha são rotulados (entre os sujeitos entrevistados), como um contramodelo de profissionalização e formação de jogadores.

3.4 Grêmio Esportivo Brasil

Fundado em 07 de setembro de 1911, o “Xavante”, como é chamado totemicamente por seus torcedores e rivais, tem suas raízes ligadas ao antigo Sport Club Cruzeiro do Sul, clube que era dirigido por funcionários da antiga cervejaria Haertel da cidade de Pelotas. Desde cedo, o clube ficou reconhecido por sua popularidade e por seu pioneirismo local em relação à aceitação de negros e mulatos

⁵²Apesar da frustração, alguns meninos perspectivam atuar na equipe profissional do clube, tendo em vista que por força do regulamento da terceira divisão estadual de profissionais, os clubes são obrigados a atuar com equipes sub-23, o que por dedução, abre novas possibilidades aos jovens.

em suas equipes, especialmente nas décadas de 20 e 30, quando se tornou “mentor de uma certa democratização sociorracial no futebol da cidade (...)” (RIGO, 2004. P.151 e 153). O ingresso do clube em competições oficiais deu-se em 1913, quando participou pela primeira vez do campeonato citadino de Pelotas⁵³ (<http://www.gebrasil.com.br/clube/historia.php> e ALVES, 1984).

A equipe profissional do clube participa atualmente (2015) do Campeonato Gaúcho da primeira divisão e da Copa do Brasil no primeiro semestre, além do Campeonato Brasileiro da série C no segundo semestre.

Sobre a estrutura física, a mesma limita-se ao estádio Bento Freitas, visto o clube não possuir centro de treinamento (CT). Assim, as categorias profissional e sub-20 utilizavam o estádio para treinar e jogar, além de gramados particulares emprestados ou alugados⁵⁴. Habitualmente a categoria sub-20 também utilizava para seus treinamentos o campo do Retiro, localizado à 20 km do centro da cidade,⁵⁵ na zona colonial de Pelotas.

O alojamento dos atletas com quartos, banheiros coletivos, cozinha e sala de convivência com TV a cabo, localizava-se embaixo de uma das arquibancadas do clube e, segundo os informantes, tinha capacidade para 13 jogadores. A alimentação dos atletas alojados era em parte subsidiada pelo clube, que arcava com três refeições ao dia, com café da manhã, almoço e janta, sendo o restante pago pelo próprio atleta ou por seu empresário. Para cada alojado, eram cobradas taxas semanais de

⁵³Os principais feitos do clube foram o campeonato gaúcho de 1919 (1º Campeão Gaúcho), uma vitória sobre a seleção uruguaia campeã do mundo em 1950, pelo placar de 2x1, a excursão pelas Américas em 1956, quando o clube excursionou por nove países das Américas do Sul e Central e a 3ª colocação no campeonato brasileiro da 1ª divisão de 1985. Além de algumas participações na elite do futebol nacional, o Brasil frequentou as séries B, C e D do mesmo certame, foi campeão citadino por 27 vezes e conquistou diversos títulos regionais. No ano de 2013 participou pela primeira vez da Copa do Brasil.

⁵⁴Há projetos no clube para que em 2015 sejam construídos um campo suplementar anexado ao estádio Bento Freitas e parte do centro de treinamento do clube (ao menos os gramados), de forma a aliviar a demanda em relação ao gramado do estádio.

⁵⁵Estes deslocamentos custavam ao clube aproximadamente R\$ 150,00 por dia, e eram investidos para cobrir o aluguel do ônibus que realizava o trajeto. A estrutura do campo do Retiro é bastante modesta e não conta com um bom gramado, com vestiários e nem com casamata, por exemplo.

hospedagem, sendo que esta normalmente era paga pelo empresário do jogador⁵⁶.

A respeito dos recursos humanos disponibilizados pelo clube para a base, o Brasil contava apenas com equipes técnicas. No total, a base tinha apenas dois (2) treinadores, um para as escolinhas e a categoria sub-15 e outro para a equipe sub-20; um (1) auxiliar técnico/preparador físico estagiário nas escolinhas; um (1) preparador físico estagiário no sub-20 e um (1) preparador de goleiros na categoria sub-20.

Em relação às equipes de saúde e de assistência aos atletas nas categorias de base, o Brasil não disponibilizava médicos, nutricionistas, dentistas, psicólogos, assistentes sociais ou pedagogos, fossem próprios ou em parceria. O único serviço rotineiro disponível aos meninos era o de fisioterapia, através de um estagiário. Os casos de lesões mais graves eram analisados e tratados pelo médico da equipe profissional conforme a necessidade de intervenção.

As dificuldades estruturais associadas pelos informantes eram a falta recursos e de profissionais que queiram trabalhar na base, pois “a visibilidade num clube como o Brasil, está no profissional, ela não está na formação de jogadores” (ENTREVISTA COM GIOVANNI, DIRIGENTE, 2014)⁵⁷.

Em 2014, o Brasil possuía seu departamento de base em atividade nas categorias sub-11/13/15 (terceirizadas através de projeto com a empresa JG esportes⁵⁸) e sub-20, totalizando em torno de 130 crianças e jovens.

⁵⁶Durante a pesquisa de campo foi identificado que alguns clubes cobram dos empresários até R\$ 1500 para que os atletas joguem. Além desse valor, também são cobrados taxas de albergamento, que giram entre R\$50 e R\$100 por semana.

⁵⁷O investimento realizado nas categorias de base segundo alguns informantes, especificamente na categoria sub-20, girava em torno de vinte à trinta mil reais mensais em períodos pré competição, e no período competitivo, este valor poderia dobrar, pois inclui-se despesas de viagens, arbitragem, alimentação, etc. Esses recursos eram captados principalmente através de eventos e de colaborações de dirigentes que investiam nesta categoria.

⁵⁸JG Esportes é uma empresa fundada por João Gusmão, treinador que dispõe de certa reputação entre a comunidade salonista e futebolística da cidade, que visava através da parceria com o clube, preparar os atletas em seu período inicial de formação, tendo a possibilidade de lucro imediato, através de mensalidades, e/ou o lucro a médio e longo prazo, através de futuras revelações.

Ao analisarmos as categorias e o ciclo formativo do clube, observamos a existência de um hiato no processo, com a ausência da categoria sub-17 (juvenil). Esta lacuna, segundo o dirigente Giovanni, deu-se “por questões financeiras”, pois o clube não tinha condições de manter as categorias sub-17 e sub-20 concomitantemente, e isto fez com que o clube perdesse bons jogadores: “este é um momento (no juvenil) que estão abrindo os horizontes, e eles não querem ficar sem treinar, aí eles vão para os outros times...” (ENTREVISTA COM GIOVANNI, DIRIGENTE, 2014).

A ausência da equipe juvenil impedia a continuidade da formação no Brasil e obrigava a equipe sub-20 a formatar todo seu elenco com jovens de fora do clube. Desta forma, vários jogadores chegavam diariamente ao clube sem um processo mais rigoroso de seleção, o que dificultava a organização do elenco e por vezes mascarava as deficiências técnicas dos atletas.

Na ótica de alguns profissionais, a forma como as categorias de base do clube vinham sendo conduzidas, era irrealista e dificultosa:

(...) Se eu coordenasse a base aqui no clube eu faria no máximo até o sub-17 e na maioria com gente da cidade, pois aí tu não te incomodas com alimentação, cuidados médicos, vida social, etc. Tem que entender a importância para o atleta em ter a família por perto e aconselhar que o lado profissional e pessoal caminham juntos. Pelotas tem muita gente boa na cidade, com talento, não à toa que tem aí Progresso e o Fragata. Por que o Brasil não pode fazer isso? O clube tem 5 mil sócios e muitos deles tem filhos, então o clube poderia ter muito mais crianças na sua escolinha, o nome do Brasil é forte. Terceirizar o serviço é cômodo, mas não é bom para o clube (JOSIAS, formador, Diário de Campo 12, 23/01/2014).

Em sua fala, Josias aponta para diferentes questões em relação à formatação das categorias de base no clube. A primeira parte remete às dificuldades de manter uma equipe sub-20 e com muitos atletas de fora da cidade, pois os gastos aproximam-se dos valores de uma equipe profissional e as responsabilidades em torno do atleta alojado são maiores. Muitos clubes do interior utilizam a categoria sub-17 como teto de seu processo de formação e optam por não alojar jogadores justamente por estes problemas. Na segunda parte da fala, há uma crítica à terceirização feita pelo Brasil em

relação a suas escolhinhas, pois com tal prática o clube estaria deixando de explorar sua marca, de arrecadar recursos, e de aproximar ainda mais seus torcedores do clube.

Próximo ao campeonato estadual da categoria, a equipe sub-20 sofria com o assédio aos meninos por parte de clubes da terceira divisão estadual. Os formadores relataram que o novo regulamento da competição obrigava os clubes a contratar atletas com idade abaixo de 23 anos, o que fez com que a procura pelos meninos do grupo aumentasse às vésperas da competição. Os convites para deixar o Brasil eram corriqueiros e de certa forma seduziam os jovens com a possibilidade evidente de profissionalização: “(...) às vezes por R\$500,00 levam os guris”, queixava-se o secretário da base. Um dos atletas explicou que essas propostas muitas vezes se tornavam enganosas em relação às promessas de profissionalização, pois os meninos atuavam como profissionais, porém, com contratos de amador, situação já experimentada por ele⁵⁹.

A insegurança interna em relação ao trabalho desenvolvido na equipe sub-20, produziu um distanciamento entre as categorias de base e a equipe profissional do clube. O diálogo existente dava-se de forma superficial e com certa indiferença de ambas as partes. Segundo o ex-treinador Miguel “a equipe sub-20 era tipo um *sparring* do profissional”, a qual servia apenas para dar ritmo de jogo aos profissionais em processo de condicionamento.

A estadia do grupo sub-20 deu-se de forma efêmera no clube, com duração aproximada de cinco (5) meses. Os problemas estruturais e financeiros associados às reformas no estádio culminaram com o fechamento por completo das categorias de base do Brasil em maio de 2014.

Dirigentes e formadores entrevistados são unânimes ao afirmar que as

⁵⁹Essa relação de mercado mostra um pouco da exploração dos “pés de obra”. Alguns clubes optam por vincular os jovens por meio de contratos informais, curtos e com baixos salários. Esta lógica inclui os meninos num ciclo de rotatividade interiorana feito por muitos “boleiros” conhecidos do estado.

categorias de base do clube só serão reabertas após a conclusão das obras do CT, que segundo os mesmos é uma das prioridades do clube. Há uma lógica baseada num efeito cascata em que os bons resultados de campo obtidos pela equipe principal proporcionariam o ingresso da entidade em melhores competições e consequentemente traria maior visibilidade e aporte financeiro a ele. Essas verbas dariam a possibilidade de estruturação do clube em diferentes setores, dentre eles as categorias de base e as estruturas das quais dependem, tornando o trabalho de formação mais sólido, contínuo e confiável do que o observado atualmente.

Em contrapartida, alguns coordenadores acreditam que somente mudanças estatutárias surtiriam efeito prático no departamento de base do clube, como estabelecer receitas específicas para o setor, por exemplo.

3.5 Progresso Futebol Clube

Fundado em 1943, até o final dos anos 80, o Progresso constituía-se em clube de várzea, onde disputou inúmeros campeonatos municipais e regionais de veteranos. No entanto, a história recente do clube confunde-se com a de Antônio, presidente do Progresso e empresário de atletas. Sua relação com o futebol pelotense teve início nos anos 70, quando ainda jogador, atuou pelo G.E. Brasil e pelo E.C. Pelotas. Na década de 80, após encerrar a carreira, passou a trabalhar com escolinhas de futebol em diferentes clubes da cidade.

Em 1989, Antônio colocou em prática no Progresso, um projeto voltado à formação e comercialização de jogadores. A iniciativa deu certo, e através de campanhas destacadas em certames estaduais e nacionais o clube passou a ganhar notoriedade, tornando-se uma referência na formação de atletas na cidade e no estado⁶⁰.

⁶⁰O Progresso é reconhecido e licenciado pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF) como clube formador

Ao longo destes 23 anos, muitos atletas reconhecidos dentro e fora do país tiveram parte de sua formação atrelada ao Progresso, entre eles Emerson Rosa, ex-capitão da seleção brasileira, Daniel Carvalho, ex- S.C.Internacional/RS, Fernando Cardozo, ex- S.C.Internacional/RS e atualmente no Brasil de Pelotas/RS, Rodrigo Dourado, atualmente no S.C. Internacional/RS, Taison, atualmente no Shakhtar Donetsk da Ucrânia, Titi, atualmente no E.C. Bahia/BA, e Josimar, atualmente na A.A. Ponte Preta/SP, entre outros.

Em 2003, o Progresso tornou-se uma espécie de clube satélite (filiado) do Sport Club Internacional/RS⁶¹. O ligame entre os clubes oferta ao Internacional prioridade em todos os atletas formados no Progresso, em contrapartida, o clube da capital do estado fornece materiais para treinamento, como uniformes, bolas e cones, além de contribuições em dinheiro à agremiação pelotense. Há ainda a possibilidade de o Progresso auferir futuros lucros como clube formador em casos de transferência de jogadores dali oriundos.

A estrutura física do Progresso conta com dois (2) estádios: o Edemar Fetter, sede oficial do clube, e o estádio Getúlio Vargas⁶², chamado pelo clube de CT Rubro-Negro. O primeiro conta com uma estrutura física composta por academia, vestiários, sala da comissão técnica, secretaria, almoxarifado, churrasqueira e um gramado de proporções modestas. Nele, o clube realiza a maior parte de seus treinamentos e jogos. Já o segundo possui um gramado em boas condições e maiores proporções que o primeiro, vestiários, bar, arquibancadas, cabines de imprensa - utilizada pela diretoria e coordenação do Progresso para assistir aos jogos - e uma secretaria. O CT é utilizado em alguns treinamentos de todas as categorias e em jogos da equipe sub-17 do clube.

de atletas.

⁶¹Sobre a origem deste vínculo, Antônio preferiu não entrar em detalhes, apenas abreviou que as tratativas e conversas iniciais começaram em 1997, quando Fernando Cardozo, hoje zagueiro do Brasil de Pelotas, foi levado ao Internacional. A aproximação entre os clubes teve como intermédio a relação pessoal que Antônio possui com Fernando Carvalho, consagrado ex-presidente do Inter (Diário de Campo 27, 15/08/2014).

⁶²Antigo campo da “Estação”, que pertenceu a outras duas agremiações pelotenses: o Brasil de Pelotas e o Bancário Futebol Clube (este último já extinto).

Em relação à estrutura de recursos humanos, o Progresso possui 10 funcionários que trabalham diariamente no clube, distribuídos em diferentes funções. As comissões técnicas englobam ao todo cinco (5) profissionais, sendo dois (2) treinadores, um para as categorias mirim e infantil, outro apenas para a juvenil; um (1) auxiliar técnico, um (1) preparador físico e um (1) preparador de goleiros que flutuam entre todas as categorias⁶³. Segundo o coordenador geral do clube, a mescla de profissionais estudiosos (acadêmicos) com pares mais experientes (ex-jogadores), é uma estratégia utilizada pelo Progresso e que tem proporcionado bons resultados.

O Progresso não possui profissionais referentes ao setor de saúde (médico, fisioterapeuta, dentista, etc.), e quando há a necessidade dos mesmos, a consulta/sessão é realizada com parceiros e colaboradores ou agendada de forma particular, com os custos arcados pela agremiação.

O clube prepara anualmente em torno de 90 meninos, distribuídos nas categorias sub-13, sub-15 e sub-17, constituindo seus elencos com jogadores da cidade e da região, pois adota a postura de não alojar atletas⁶⁴. José resume o processo de formação no clube da seguinte forma:

(...) nós olhamos todo mundo... temos parceiros em quase todas as cidades da região e uma boa relação com os clubes pequenos da cidade, mas geralmente os meninos aparecem no clube por conta. O garimpo de talentos se dá ao natural, ao mesmo tempo que você prepara talentos, os quais são minoria, se tem aqueles atletas de nível razoável que também estão sendo trabalhados (estes em maior quantidade). No nosso caso específico, o ideal é preparar talentos, pois não contamos com equipe profissional. (JOSÉ, coordenador de base, Diário de Campo 27, 15/08/2014).

⁶³Os outros cinco (5) funcionários do Progresso realizam funções burocráticas e de manutenção da estrutura do clube.

⁶⁴Segundo o treinador Jorge “é só pra dar incomodação e gasto”. Assim, aos atletas de fora da cidade ou que moram em bairros distantes do clube, são ofertados vales-transporte diariamente, pois a maioria destes desloca-se para os treinamentos de ônibus. Um dos funcionários do clube estima um custo mensal de R\$7000,00 com o transporte dos jovens aos treinamentos. São aproximadamente 60 vales por dia, apenas para deslocamentos dentro do município. O coordenador de base acredita que os investimentos mensais no processo oscilem entre trinta e trinta e cinco mil reais. (DIÁRIO DE CAMPO 28, 21/08/2014).

Apesar de possuir uma extensa rede colaborativa de clubes e escolinhas⁶⁵, o Progresso prioriza jogadores jovens e crianças em situação de risco, economicamente carentes, e moradores da região de Pelotas. De acordo com José, o presidente do clube mantém preferência por meninos nesta situação porque eles “tem gana de ir atrás, de vencer, de aproveitar a oportunidade, pois muitos destes guris tratam o futebol como à única opção...” (ENTREVISTA COM JOSÉ, COORDENADOR DE BASE, 2014).

Quando há indícios do talento, salientado pelo entrevistado, o assédio em torno do atleta torna-se natural. Apesar disso, nenhum jogador possui qualquer tipo de contrato ou vínculo formal, estando todos livres para deixar o clube no momento que quiserem. Entretanto, um dos formadores faz a seguinte ressalva:

(...) Vou te falar uma coisa por experiência própria, o cara que sai daqui pela porta dos fundos, por traição, ele não volta mais. Pode implorar! Quem sai por conta própria agente não aceita de volta. Então procuramos fazer com que os meninos criem identificação conosco para que quando aconteça algo relacionado a isso, os meninos não saiam. (FERNANDO, treinador do clube, Diário de campo 11, 13/01/2014).

Como os vínculos legais só possuem validade após os 16 anos, os contratos de natureza moral o precedem, ligando o atleta ao clube através de um sentimento de gratidão e reconhecimento, não sendo toleradas “traições” por parte dos meninos, como expõe a fala do treinador.

Por força do contrato com o Internacional, o Progresso é obrigado a levar primeiramente os atletas para serem testados na capital do estado. Somente em caso de não aproveitamento é que os mesmos poderão ser encaminhados a outros clubes, como exemplifica a fala de Antônio: “Temos gente no Fluminense/RJ, no Goiás/GO, no São José de Porto Alegre/RS... podem ir para vários lugares, menos para o Grêmio... os demais atletas não aproveitados por nós, estando na idade limite para estar no clube

⁶⁵Projetos sociais e escolinhas são algumas das ramificações do Progresso na região sul do estado. O projeto Garotos da Lagoa é um exemplo das possibilidades de prospecção do clube. Este projeto está em atividade há 8 anos e é realizado na periferia de Pelotas. Participam do projeto aproximadamente 120 crianças com idades entre 8 e 13 anos. Os meninos que nele se destacam são encaminhados para testes no Progresso.

(17 anos), são liberados para buscar outro clube (ANTÔNIO, PRESIDENTE DO PROGRESSO, DIÁRIO DE CAMPO 27, 15/08/2014).

Em relação ao futuro, o Progresso possui um projeto balizado em dois eixos, o de reestruturação e modernização do CT do clube, com a captação de recursos através da Lei de Incentivo ao Esporte, e a meta de colocar no parceiro (Internacional) um (1) jogador por ano. A possibilidade de parceria com outro clube da cidade também foi mencionada, porém, o coordenador do clube faz a seguinte reflexão:

(...) Infelizmente ainda nenhum clube profissional da cidade “acordou” para uma parceria mais séria conosco, pois nossos atletas que não são aproveitados em grandes clubes poderiam dar sequencia em um deles, o que poderia ser muito rentável para todos (Entrevista com JOSÉ, coordenador de base, 2014).

Conforme a fala de nosso interlocutor, esta amálgama proporcionaria benefícios para clubes e jogadores, onde o Progresso teria uma nova possibilidade de dar vazão a seus atletas e o parceiro captaria jogadores praticamente formados. Aos jovens, seria mais uma possibilidade de seguimento na carreira, utilizando o clube parceiro como uma nova vitrine. No entanto, desacordos principalmente em relação aos percentuais de lucro de cada clube em futuras transações emperram as negociações neste sentido.

Clube	Estrutura Física	Equipe Técnica	Equipe Multidisciplinar	Projetos Futuros
Esporte Clube Pelotas	-2 núcleos (Estádio e CT); - Alojamento p/ 12 atletas;	4 prof. e 4 estagiários (acadêmicos e ex-atletas)	-Não (Utiliza do profissional)	-Depende da gestão;
Fragata Futebol Clube	-CT (alojamentos p/50 meninos); - Atende ECA;	-10 prof. (acadêmicos e engajados na metodologia);	-Sim (saúde e social);	-Equipe profissional;
Grêmio Atlético	-Estádio; -Não aloja atletas;	-2 profissionais (não acadêmicos);	-Não (projetos com a UFPEL);	-Depende da gestão;

Farroupilha				
Grêmio Esportivo Brasil	-Estádio; -Alojamento atletas; p/13	-5 profissionais (todos acadêmicos);	-Não (Utiliza do profissional);	-Depende da gestão;
Progresso Futebol Clube	-2 núcleos (Estádio e CT); - Não aloja atletas;	5 prof. (mescla de acadêmicos e ex-atletas);	-Não (terceiriza o serviço);	-Reestruturação do CT; -1 jogador/ano no parceiro;

Quadro 01 – Resumo da estrutura física e de recursos humanos ofertados pelos clubes a suas categorias de base, além de seus projetos futuros para o setor. Fonte: empírica.

3.6 Os principais problemas enfrentados pelos clubes de Pelotas em relação a suas categorias de base

Este tópico traz em seu escopo o debate acerca dos principais problemas verificados nos clubes da cidade em relação a seus processos de formação. Nele foram analisadas as visões de dirigentes, coordenadores e formadores acerca de tais deficiências. Segundo esses atores, as ausências de planejamento, de investimento e de estrutura são os problemas de maior ressonância nas categorias de base dos clubes⁶⁶.

As limitações em termos de planejamento, associadas à instabilidade político-administrativa das entidades acabam por inibir investimentos e a implantação de projetos de médio e longo prazo. Estas práticas conduzem os departamentos de base a uma lógica safrista e efêmera:

⁶⁶Além da instabilidade organizacional, a pressão por resultados e o apelo popular dos clubes foi citado pela maioria dos entrevistados como uma barreira à promoção de jovens atletas nas equipes profissionais, pois “a torcida não quer saber se tu promoveu o guri, eles querem é faixa no peito, volta olímpica e taça no armário...” (ENTREVISTA COM GIOVANNI, DIRIGENTE, 2014).

(...) não é com 6 meses que dura uma competição que tu formou um atleta, é mentira, é ilusório. Uma coisa meteórica de 3 meses, 6 meses, 1 ano não é formação... O problema é que os clubes são imediatistas e os trabalhos em Pelotas não tem uma sequencia, não temos um início, meio e fim... Pelotas vem de uma cidade defasada, uma cidade que já cansou de investir dinheiro no futebol e não ter retorno, o cara que paga quer ter retorno... Falta planejamento, não tem continuidade, troca toda hora a forma de administrar e a direção. Então passa por conselho, acho que o conselho tem que ter uma política, e o presidente tem que executar, pronto! Indiferente de quem seja o presidente (Entrevista com MOISÉS, coordenador de base, 2014).

(...) Primeiro tem que partir do clube uma gestão profissional, para depois arrecadar formas de investimento... é muito simples, como é que eu vou investir numa questão que eu não sei onde vai parar o meu investimento? E por que ele ta sendo investido? (Entrevista com ROBERTO, coordenador administrativo, 2014).

O primeiro fragmento dos depoimentos acima trata de diferentes problemas vistos na formação dos clubes profissionais da cidade (Brasil, Pelotas e Farroupilha) e traz uma concepção macro do processo, apontando para a necessidade de adaptações no sistema político dos clubes em relação a seus sistemas formativos. O primeiro e o segundo fragmento apontam para as dificuldades de investimento e planejamento e as relaciona com fatores históricos e econômicos dos clubes e da cidade⁶⁷.

Por conta do histórico administrativo dos clubes profissionais, por muito tempo distante às exigências do profissionalismo, há uma desconfiança dos investidores em relação à aplicação financeira nestas agremiações, especialmente nas categorias de base, onde a situação é agravada pela baixa cobertura midiática e pela quase inexistência de públicos nos jogos, o que torna o evento pouco atrativo a investidores e patrocinadores.

Entre os entrevistados há um consenso de que os investimentos necessários para um bom trabalho de base são elevados e que os clubes profissionais acabam por canalizar quase que a totalidade destes recursos para a equipe profissional, ficando a

⁶⁷O município de Pelotas tem como suas principais atividades econômicas o comércio e a prestação de serviços e encontra-se num cenário de estagnação financeira a alguns anos. Este panorama, segundo nossos informantes, contribui para escassez de investimentos no futebol da cidade e obriga muitas vezes os clubes a captar recursos fora da mesma.

base em segundo plano:

(...) o problema maior está na preocupação com a equipe profissional que os presidentes têm nas suas gestões. Nenhum investe na base porque é caro e todo dinheiro que entra é investido no profissional. Então formar jogadores de nível com “nada”? Por isso é difícil vermos atletas formados no clube atuando no profissional e alguns que chegam, se pesquisarmos, foram formados em outros clubes (Entrevista com JOSÉ, coordenador de base, 2014).

(...) Se a gente tira dinheiro do profissional para colocar no amador, o profissional morre hoje e o amador morre amanhã, pode ter certeza absoluta no que eu estou te dizendo. Então tu acaba concentrando toda tua arrecadação em cima do profissional, desfavorecendo o amador (Entrevista com GIOVANNI, dirigente, 2014).

O direcionamento de recursos para as equipes profissionais é tratado com relativa naturalidade pelos informantes, pois há o entendimento de que são elas que fortalecem os vínculos clubísticos entre instituição e torcida e são as mesmas que em curto prazo movimentam as maiores cifras nos clubes.

Os clubes profissionais estão sedentos por séries melhores de disputa, de forma a poderem vislumbrar maiores ganhos econômicos e maior visibilidade. Essa necessidade constante de resultados com a qual convivem, muitas vezes dificulta a promoção de jovens ao elenco principal, tornando o processo de profissionalização nestes clubes bastante tímido. As poucas possibilidades de inserção dos jovens também estão relacionadas à cultura de privilegiar a contratação de atletas “rodados” e experientes em detrimento ao aproveitamento de jogadores oriundos da base. Cristóvão, ex-dirigente, resume esta prática da seguinte forma: “Nós preferimos exportar muitos jovens e importar muitos ‘fim de carreira’” (CRISTÓVÃO, EX-DIRIGENTE, DIÁRIO DE CAMPO 28, 21/08/2014).

O retorno financeiro por intermédio das categorias de base requer, entre outros fatores, planejamento de médio e longo prazo, o que até então se mostrou inexistente nos cadernos de encargos dos clubes.

Administrar este setor nos clubes profissionais de Pelotas sem os aportes financeiros desejados requer criatividade e apelo a práticas ultrapassadas de captação

de recursos (bingos, jantares, bailes, etc), mas que nesse cenário surgem como possibilidade de sobrevivência para as categorias. É como administrar um clube dentro do outro, ao menos no aspecto financeiro, sendo que a abnegação, a doação de tempo e a disponibilização financeira são alguns dos requisitos necessários para coordenar categorias de base nestes clubes.

Em relação aos clubes formadores da cidade, Rigo et al. (2013), apontam que Progresso e Fragata são os clubes que absorvem boa parte dos melhores jogadores que surgem em Pelotas e região. Ambos tornaram-se quase que um estágio obrigatório aos jovens da cidade que um dia vislumbram ser jogadores profissionais, especialmente no futebol de alto nível. Desta forma, estes clubes devem ser analisados por um ângulo distinto ao dos clubes profissionais, pois direcionam todos seus investimentos ao processo de formação de jogadores.

No Progresso e no Fragata, formadores e atletas “rodam” menos, provavelmente pelo fato destas agremiações terem sua estrutura, metodologia e planejamento solidificados e estáveis. Neste ínterim, prioriza-se o resultado de todo um processo de formação, um projeto individual de cada atleta, e não o resultado imediato em determinados torneios.

Somado a estes investimentos e planejamentos em formação, a vitrine ofertada pelos clubes formadores através de suas parcerias com grandes clubes mostra-se aparentemente mais atrativa aos jovens. A partir destes ligames vislumbram-se clubes como Roma da Itália (através do Fragata) e Internacional no Brasil (através do Progresso), entre outros.

Apesar de atrativa à grande parte dos jovens futebolistas da região, estas vitrines tendem a ser mais seletivas e excludentes do que as observadas nos clubes profissionais da cidade. A rigorosidade dos processos aliados aos limites etários de 17 anos nos clubes faz com que muitos jovens atinjam a maioridade sem uma perspectiva profissional palpável no mercado do futebol.

Como estes clubes não possuem equipes profissionais, os mesmos encaminham seus principais atletas à seus parceiros e/ou a outros clubes das séries A e B nacional e o restante (maioria) tende a ser dispensado. E é justamente na impossibilidade de continuidade no clube que perde-se muitos jogadores, pois a transição entre as categorias sub-17 e sub-20, quando efetivada, tende a ser dificultosa para o atleta e não garante a ele qualquer formalidade contratual profissional na maioria dos clubes a qual são designados.

Provavelmente a formatação da uma equipe sub-20 ou profissional, como planeja o Fragata por exemplo, seria a forma mais adequada dos clubes formadores realizarem um melhor aproveitamento destes jovens, pois o processo de formação atingiria seu estágio final. Entretanto, assim como nos clubes profissionais, os clubes formadores sofreriam com os elevados investimentos que estas equipes demandam.

4 O FUTURO E SUAS PERSPECTIVAS: INSERÇÃO, RECONVERSÃO E PERSISTÊNCIA

4.1 A procedência, a captação, a formação, os empresários e a rotatividade

No transcurso desta investigação, algumas nuances e inquietações do complexo processo de formação de jogadores acentuaram-se. Afinal, o trabalho que os clubes pelotenses realizam em sua maioria é de captação e “arquitetura” provisória de elencos? É de formação e/ou revelação de talentos? O que os clubes entendem por formar um jogador? É possível realmente formar atletas com períodos de passagens nos clubes tão curtos? Quem revela o atleta é quem o profissionaliza?

No universo futebolístico é comum a utilização dos termos captar, formar e revelar jogadores. Além de estarem relacionados, esses termos referem-se à carreira do jogador de futebol, sua inserção no “sistema futebolístico”, o “rodar” por diferentes clubes e cidades ou a permanência prolongada na mesma agremiação, e a sua profissionalização ou não⁶⁸.

Assim, tratamos a noção de captação como o momento da inserção dos jogadores no universo do futebol com perspectivas profissionais. Essa inserção pode ocorrer através de peneiras/testes, indicações, avaliações, convites, contratação ou ascensão interna via escolinha do clube.

Já o conceito de formação será utilizado para nos referimos aos diferentes momentos pelos quais passam os jogadores de futebol antes de se profissionalizarem. Desse modo, o conceito será utilizado para tratarmos e também para analisarmos a circulação desses jogadores por diferentes clubes, assim como

⁶⁸“Sistema Futebolístico” e “Rodar” são conceitos trabalhados por Rial (2008, p.23, 24 e 31). O primeiro, parte dos conceitos de campo de Bourdieu, e remete às relações proximais de diferentes campos atuantes no futebol, especialmente o jornalístico, o econômico e o futebolístico. O segundo, conforme a autora aponta, está relacionado à “constante troca de instituição de trabalho (clube), de países e o grande número de ‘repatriados’... é o ‘rodar’ de que falam os jogadores, atribuindo a essa noção um valor positivo de propiciar ‘experiência’, de ensinar...”.

suas estadas prolongadas em uma mesma entidade.

Com a abundante oferta de meninos dispostos a se engajarem no projeto de se tornarem jogadores de futebol, a captação de atletas tornou-se uma prática recorrente nos processos de formação dos clubes. Em Pelotas, boa parte dos clubes, em especial nas categorias juvenil e júnior, tentam captar jogadores todos os anos para constituírem suas equipes. Esta estratégia clubística foi classificada por alguns dos nossos entrevistados como uma metodologia de “arquitetura provisória” de formação de equipes. Para compreendermos este mecanismo, é necessário analisarmos como incidem as captações ou seleções nos clubes pesquisados e paralelamente traçarmos um perfil futebolístico destes jovens que ali chegam.

No levantamento feito para este trabalho, foram cadastrados 124 jogadores com idades entre 15 e 20 anos nos cinco clubes pesquisados. Desses 124 constatamos que 50,8% (63) nasceram em Pelotas e 49,2% (61) em outras cidades do Rio Grande do Sul e até mesmo fora do estado⁶⁹. Os informantes relataram ter ingressado no seu primeiro clube, em média, com idade aproximada de sete (7) anos⁷⁰. Essa inserção no processo formal de treinamento regular em outros clubes ocorreu de diferentes modos: através de escolinhas de futebol e futsal, peneiras, testes, etc.

Nos clubes pelotenses, a forma como se configuraram os elencos cadastrados na pesquisa nas categorias sub-17 e sub-20, também apresentou contornos diversificados. De um modo geral, para captar os atletas as entidades se utilizam de indicações de pessoas com as quais possuem ligação, além de peneiras e de suas escolinhas como formas mais comuns de selecionar jovens jogadores.

⁶⁹Os atletas que não eram gaúchos vieram de estados como São Paulo, Paraná, Alagoas, Bahia e Maranhão. Apesar de metade dos meninos não ter nascido em Pelotas, a maior parte destes é natural de cidades próximas a Pelotas (Capão do Leão, Rio Grande, Canguçu, Pinheiro Machado, Pedro Osório, Jaguarão e Piratini), o que em muitos casos permite o traslado diário entre clube e residência.

⁷⁰As passagens anteriores por equipes de futsal foi um aspecto bastante mencionado pelos sujeitos. No estudo de Marques e Samulski (2009) com clubes da Série A do Brasil, a maioria (80,6%) dos jogadores pesquisados também mencionaram ter treinado em equipes e escolinhas de futsal, assim como a investigação de Spaggiari (2009).

A utilização de indicação de empresários, dirigentes, treinadores e olheiros, como um dos meios para ingressar nos clubes segue uma tendência cada vez mais frequente no futebol moderno (PAOLI, 2007). No entanto, pode dificultar o ingresso de quem não possui tais referências, como explanou um entrevistado:

(...) se eu tivesse empresário eu taria bem, a primeira coisa que te perguntam num time grande é quem é teu empresário, isso pesa muito, sem empresário tu não é ninguém... cara o futebol é podre, é uma máfia, e sem empresário tu não sobrevive..." (LUCAS, 19 anos, Diário de Campo 18, 31/01/2014).

A indicação de terceiros, aliada a outras estratégias, como a formação no próprio clube, transformaram as tradicionais peneiras muito mais em um instrumento de marketing dos grandes clubes do que em um momento de garimpagem de jogadores (DAMO, 2005; RODRIGUES, 2003; SPAGGIARI, 2009). Paoli (2007) lembra que quanto maior for a idade do garoto, menor são suas chances de ingressar em algum clube grande através das peneiras. Algumas oportunidades ainda são dadas para um ou outro jogador, desde que ele possua idade inferior a 16 anos (BITTENCOURT 2009; BACK, 2005)⁷¹.

Entretanto, apesar de vários autores apontarem para uma tendência de desuso das peneiras como uma estratégia importante no garimpo de jogadores para os grandes clubes, já entre os que participaram deste estudo, elas ainda estiveram bastante presente em suas trajetórias. Dos 84 jogadores que retornaram o questionário, 73 disseram ter participado de peneiras e a maioria disse ter passado em mais de uma.

Durante a realização do trabalho de campo acompanhamos a realização de três peneiras: uma no Brasil/Pel, outra no Progresso e a última no Pelotas.

⁷¹Um exemplo ilustrativo sobre o funcionamento das peneiras nos grandes clubes pode ser encontrado no documentário "Futebol", de João Moreira Salles.



Imagem 01: Peneira do Grêmio Esportivo Brasil, realizada em 21/04/2014 – Estádio da Sociedade Recreativa Arealense (foto do autor).



Imagem 02: Jovens no Progresso Futebol Clube aguardam o momento de serem avaliados. 13/01/2014 – Estádio Edmar Fetter (foto do autor).

Outra estratégia utilizada para compor os elencos das categorias de base são as escolinhas dos próprios clubes. No Pelotas e no Farroupilha, por exemplo, identificamos que 11 dos atletas (quatro (4) no Pelotas e sete (7) no Farroupilha) que pertencem à amostra da pesquisa estavam nos clubes desde as escolinhas, mas eles podem ser considerados casos raros de permanência prolongada nos cinco clubes que compuseram o corpus empírico desse estudo. Pimenta (2000) denuncia que o fenômeno das escolinhas, além de excluir os jovens das classes populares, vem se tornando um investimento que visa capitalizar o lazer dos jovens de classe média que sonham em se tornar jogador de futebol.



Imagem 03: Escolinha do Esporte Clube Pelotas. 21/05/2014 - CT Parque Lobão (foto do autor).

Apesar de nem sempre assumido, mas constantemente alegado pelos formadores, o desempenho em competições se tornou um critério valorizado pelos clubes na captação de jogadores. Em algumas competições os atletas costumam ser exigidos e às vezes testados nos seus níveis máximos - técnico, físico, tático e psicológico (PAOLI, et al, 2008; PAOLI, 2009; CHABATURA, 2013). João, formador com passagem por diversos clubes do país e também pela base pelotense diz que “a competição em níveis elevados também é importante...” (ENTREVISTA COM JOÃO, 2014). Na mesma lógica, Moisés acredita que

(...) tu forma a partir do que tu compete, pra ti formar um atleta na cidade se ele saí e voltar, ele vai ganhar bagagem, mas se ele ficar só na cidade ele não vai ter bagagem suficiente, então ele tem que jogar competições de nível (Entrevista com MOISÉS, coordenador de categorias de base, 2014).

A estada em campo nos possibilitou perceber que os processos de captação nos clubes de Pelotas diferem de um clube para outro e seguem uma proposta pouca

padronizada.

Contemplada a etapa de seleção, os atletas se deparam com um novo ciclo do processo, que é a formação, e com ele o desafio de conseguir uma permanência maior no clube.

Brevidade, improvisação, dificuldades de investimento e planejamento da carreira, alta demanda emocional e corporal, são alguns dos elementos que compõem o ciclo de formação desses atletas. Esses fatores direcionam os trabalhos para uma lógica forjada na circulação e/ou na rotatividade desses jovens jogadores. Não há um padrão sobre os períodos de circulação desses jogadores, mas geralmente eles tendem a ocorrer de forma semestral e trimestral, no entanto alguns permanecem nos clubes apenas um (1) ou dois (2) meses ou até menos.

O tempo médio de permanência dos jogadores pesquisados foi de aproximadamente um ano e meio. Durante o período de formação, os meninos rodaram em média por três (3) clubes, havendo casos de histórico de atuação em mais de onze (11) clubes⁷². Também foi possível constatar que há um processo de disputa e garimpagem de jogadores entre os clubes da cidade. Vários atletas que fizeram parte da amostra afirmaram ter passado por até cinco clubes diferentes da cidade durante o seu período de formação.

Apesar de haver uma aceitação da lógica da rotatividade no processo de formação, ela traz consequências questionáveis:

(...) Dependendo da ocasião pode prejudicá-los ou beneficiá-los, esta prática vai fechando portas, pois nenhum clube quer preparar um atleta, gastar muito dinheiro, para perder o atleta para outro. E ele acaba ficando mal quisto por isso. Mas se tem uma situação que o atleta está sendo mal aproveitado, pode conversar primeiro para ver o que pode ser feito... na minha opinião os clubes (de Pelotas) tentam mais captar para revelar, pulando o formar. (Entrevista com

⁷²Caso de nosso informante Ademir que passou por clubes como Clube de Regatas Flamengo (RJ), Fluminense Football Club (RJ), Esporte Clube Bahia (BA), América Futebol Clube (MG), Ipatinga Futebol Clube (MG), Clube Atlético Juventus (SP), Marília Atlético Clube (SP), Guaratinguetá Futebol (SP), Associação Chapecoense de Futebol (SC), Ituano Futebol Clube (SP) e Maringá Futebol Clube (PR).

JOSÉ, coordenador de categorias de base, 2014).

Sobre os efeitos produzidos pela circulação, o atleta Jeremias relatou que a busca por oportunidades o fez circular mais e isso lhe trouxe mais experiência, sendo importante na sua formação: “acho que me ajudou a amadurecer, não ter somente um treinador, tive uns 3 ou 4 e eu consegui pegar um pouco de cada um (...)” (ENTREVISTA COM JEREMIAS, 20 ANOS, 2014). Outros jogadores que entrevistamos compartilham de uma concepção semelhante à apontada por Jeremias, destacando que a circulação propicia qualificar seu capital futebolístico: “isso gera uma experiência pro cara, tanto contato com pessoas novas, diferentes, como maturidade. O cara cresce tanto como jogador de futebol como em pessoa (...)” (ENTREVISTA COM PEDRO, 19 ANOS, 2014).

Os cinco clubes que investigamos apresentaram propostas pouco sistemáticas para as suas categorias de base. No momento analisado (2013), o Brasil de Pelotas possuía as categorias sub-11/13/15 e 20, mas não trabalhava com a sub-17; Fragata, Progresso, Farroupilha e Pelotas possuíam as categorias que envolviam atletas entre 13 e 17 anos, todavia não possuíam equipe na categoria sub-20, a última etapa antes do ingresso na equipe profissional. Além disso, de um ano para outro os clubes profissionais tendem a alterar a formatação de suas categorias, como no caso do Pelotas com a formação de sua categoria sub-20, e até mesmo fechar seu departamento de base, como ocorreu com Brasil e Farroupilha, no ano de 2014. A descontinuidade de categorias e elencos força à prática da rotatividade dos jogadores e acaba por estimular a formatação de elencos provisórios e pouco identificados com os clubes, fortalecendo a concepção de constituir equipes através de uma “arquitetura”.

Entre os sujeitos de nossa amostra, apenas um terço afirmou que em algum momento de suas carreiras estiveram agenciados e vinculados a algum empresário. Contudo, no último questionário aplicado em 2014, mais da metade deles afirmou estar empresariado. Outro fato a observar é que a maioria dos jogadores que eram naturais de Pelotas não possuía empresário. A partir de certa idade – especialmente pós 16

anos -, ter ou não um empresário pode ser um fator determinante para definir quais jogadores terão maiores ou menores oportunidades para ingressarem no excludente e seletivo futebol profissional, pois, esses profissionais contribuem “para incrementar a circulação de pés-de-obra” (DAMO, 2005, p. 201) ⁷³. Esta lógica induz os meninos a buscar o auxílio profissional desses sujeitos na medida em que avançam de categoria.

Como um exemplo dessa transitoriedade proporcionada pelos empresários, abordaremos de forma sucinta a história de um de nossos informantes, reafirmando a utilização de nome fictício, de forma a manter o anonimato.

Ezequiel tem 19 anos e é natural de Curitiba/Paraná. Era agenciado pelo empresário Ricardo López desde os 13 anos de idade e na data da conversa atuava no futebol polonês. Começou sua formação no São Paulo Futebol Clube/SP e passou por 12 clubes, inclusive por clubes renomados como Olympique de Marselha (França), Deportivo La Coruña (Espanha) Boavista (Portugal), Grêmio F.POA/RS, Coritiba F.C./PR. No futebol pelotense teve duas passagens pelo G.E. Brasil.

Na maioria destes clubes, não permaneceu mais de seis (6) meses. Ao ser questionado sobre como ele concedia esse processo de grande circulação já durante a sua formação, Ezequiel respondeu que acreditava que isso se devia ao fato de que “(...) hoje em dia o futebol é muito dinâmico e concorrido”. E, acrescentou: “(...) quem comanda diretamente o futuro de um jogador são dirigentes e empresários”. (CONVERSA ON-LINE, EZEQUIEL DZIERZONIOW, POLÔNIA, 28/02/2014).

Quando perguntado se essa rotatividade de alguma forma o havia prejudicado, Ezequiel respondeu que

⁷³Paoli (2009, p.76) ressalta que as dificuldades econômicas e estruturais induziram muitos clubes a entregar os seus departamentos de categoria de base ao controle de empresários do ramo do futebol. Nos próximos anos deveremos acompanhar algumas alterações nas relações dos empresários com os clubes e jogadores de futebol. Por uma determinação da FIFA, a partir de maio de 2015 “o atleta não poderá mais ser fatiado entre clubes e empresários” (ZERO HORA, 20/12/2014, p. 43).

(...) depende do ponto de vista, como pessoa foi a melhor coisa, pois cada lugar é uma experiência de vida diferente. A parte ruim, é que com isso eu precisei deixar os estudos de lado. Mas acredito que pra um jovem jogador, ter um currículo muito extenso não é bom, se eu tivesse me fixado em um lugar e ali criado raízes, seria melhor. (Conversa on-line, EZEQUIEL, Dzierzoniow, Polônia, 28/02/2014)

Um pouco diferente dos outros jogadores que entrevistamos, Ezequiel identifica determinado ônus sobre os efeitos da intensa rotatividade à que teve que se submeter. Como ele ressaltou, a rotatividade o induziu a “deixar os estudos de lado”, ainda salientando que o fato de ter “um currículo muito extenso”, necessariamente não é o mais indicado para o mercado futebolístico.

As razões para a intensificação dos processos de rotatividade também entre os jogadores das categorias de base são diversas, mas geralmente estão relacionadas à busca por uma melhor inserção no futebol profissional. Nesse processo, os garotos são submetidos ao distanciamento de seus familiares, a um alto número de dispensas e a cobrança familiar, de empresários e dos formadores. Jahnecka et al. (2013, p. 176) ressalta que “o projeto de ser jogador de futebol é constantemente renegociado frente à negativa dos clubes e às oscilações no processo”. Na mesma direção, Bittencourt (2009, p.127) observa que “apesar de ser possível reconhecer uma base mais ou menos fixa, a circulação é a ordem.” Couto (2001) por sua vez, destaca que há um grande afã em formar o jogador e disponibilizá-lo ao mercado, o que catalisa a rotatividade através de negociações, promoções e dispensas.

Por apresentar um número significativo de clubes que possuem certa inserção na captação e na formação de jogadores de categoria de base,⁷⁴ Pelotas pode ser identificada como polo da região nesse processo. Assim, todo ano circula pela cidade jovens jogadores procedentes das localidades adjacentes e também de outras mais distantes.

⁷⁴Além dos cinco clubes que fizeram parte desse estudo há na cidade ao menos outros dois clubes (o Sudeste F. C e o Botafogo F. C.) que também possuem um trabalho sistemático de intervenção com jogadores de categorias de base do futebol.

4.2 A escolaridade: o plano B

Soares, (2011); Damo, (2005) e Marques & Samulski, (2009) relatam que durante todo processo formativo, os atletas dedicam mais de 5.000 horas de seu tempo aos treinamentos. Ao comparar o tempo destinado à escola e o tempo destinado aos treinos de futebol, Melo (2010) concluiu que em ambos os garotos se envolvem aproximadamente 25 horas semanais. Esse tempo dedicado ao futebol é superior ao encontrado nessa pesquisa, em que as informações encontradas apontam para uma dedicação aproximadamente de 15 horas semanais, sem considerar o deslocamento em viagens e jogos⁷⁵.

Sobre o processo de escolarização dos garotos dos clubes que investigamos, observamos que, apesar de existirem singularidades locais, a realidade é similar ao contexto nacional, onde em muitos casos os estudos tornaram-se a segunda opção.

Nas figuras a seguir, apresentaremos a idade dos atletas dos clubes de Pelotas e o seu grau de escolaridade (figura 1), assim como exibiremos valores referentes à evasão escolar, de acordo com a idade e a escolarização dos meninos (figura 2).

⁷⁵Diferentemente dos grandes clubes, os clubes de menor expressão tendem a disputar competições apenas em nível regional e estadual, o que demanda menores tempos em deslocamentos e hospedagem. Além disso, muitas equipes grandes treinam em dois turnos em suas categorias sub-17 e sub-20, diferentemente do que ocorre nos clubes pelotenses.

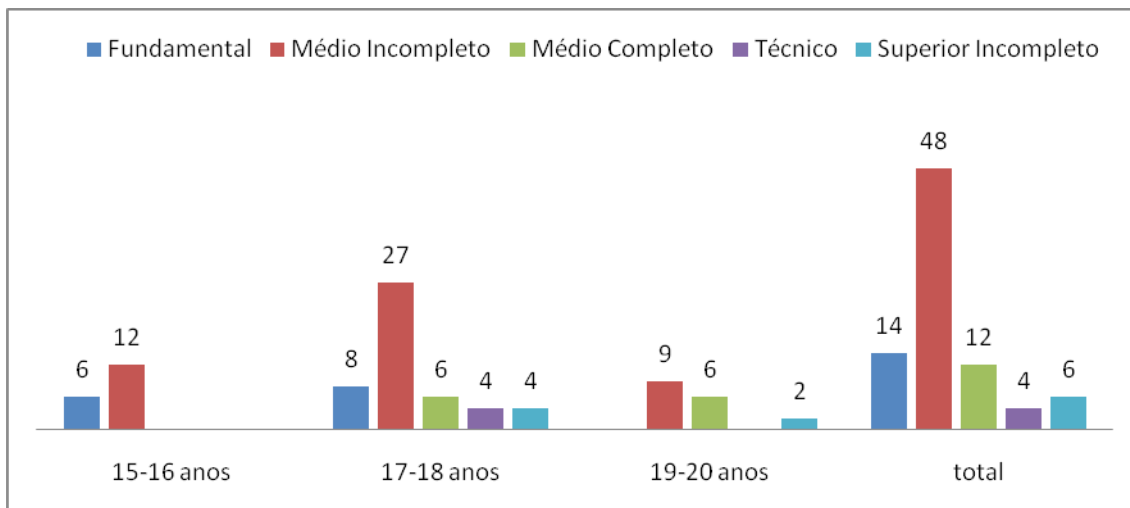


Figura 01: Faixa Etária e Escolaridade dos 84 jogadores investigados que tivemos o retorno do questionário enviado em 2014.

Com base na figura 1, observamos que 23 atletas estavam defasados nos estudos, os quais relataram ter repetido ao menos uma vez o ano escolar no período em que atuavam em clubes de futebol. Vários atletas com idades de 15, 16, 17 e 18 anos possuem certa defasagem escolar, sendo que 14 se encontravam no ensino fundamental e nove (9) jogadores com idade entre 19 e 20 anos ainda estavam com o ensino médio incompleto (figura 1)⁷⁶. A maioria dos que frequentavam o ensino regular se encontravam no ensino médio, especialmente no 2º ano. Dez desses meninos estavam no ensino superior e/ou no ensino técnico⁷⁷.

⁷⁶Dos 14 atletas que estavam no ensino fundamental, 3 (três) relataram ter abandonado os estudos.

⁷⁷Rodrigues (2003) e Melo (2010) verificaram em seus estudos que apenas 2% dos atletas cursavam a faculdade.

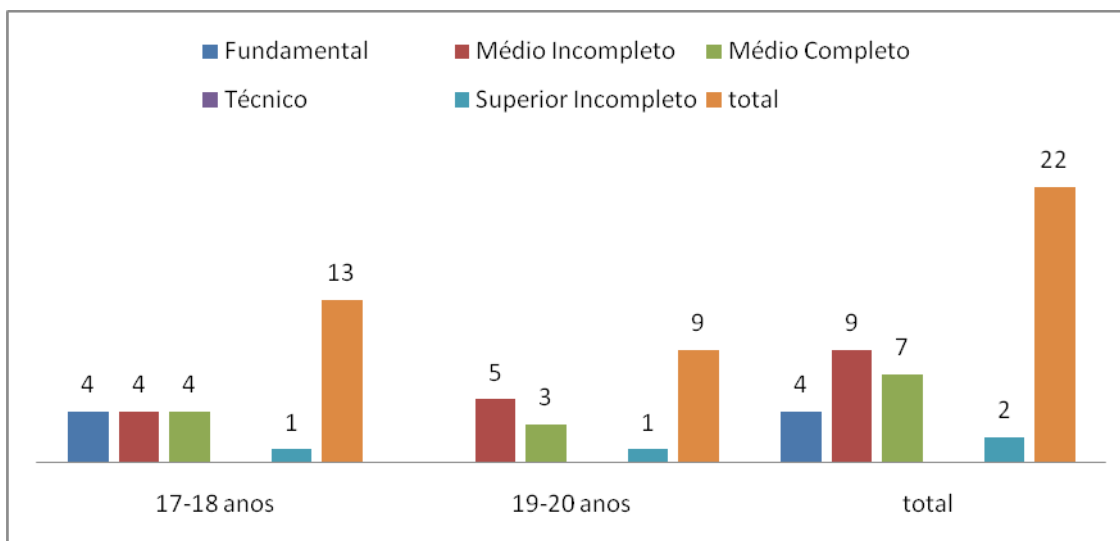


Figura 02: Número de atletas que evadiram a escola conforme o grau de escolaridade e a faixa etária em que a evasão ocorreu. Dados averiguados entre os anos de 2013 e 2014 nos clubes investigados.

Dos 84 atletas investigados, 22 relataram estar com sua carreira estudantil interrompida. A evasão escolar foi observada com maior ressonância na faixa etária entre 17 e 18 anos e surgiu com maior frequência enquanto os meninos estavam cursando o ensino médio (figura 2).

Cabe destacar que esta evasão possui significados distintos quando analisada conforme o grau de escolarização em que a mesma ocorreu. O abandono no ensino fundamental e médio incompleto direciona os jovens a uma renúncia aos estudos que tende a ser mais prolongada e prejudicial do que em casos de atletas que abandonam o ensino superior, por exemplo. A evasão nas séries iniciais e médias fez com que muitos de nossos informantes considerassem a hipótese de ingresso em cursos supletivos ou EJAs. Outros sequer estimam prazos para retomar os estudos⁷⁸.

A maioria dos garotos considera que as viagens, a incompatibilidade de turnos, a perda de foco (“o futebol é tudo pra mim!”), o cansaço e as trocas de cidades são alguns dos fatores que dificultam um maior sucesso na escolarização:

⁷⁸Os atletas que completaram o ensino médio e relataram não ter planos de retomada aos estudos enquanto estivessem no futebol foram considerados evadidos.

(...) Com a rotina de treinos o estudo ficava um pouco mais difícil, deixa a gente um pouco cansado, às vezes não podia estudar, às vezes faltava a aula por causa de viagem, mas não atrapalhou em nenhum momento, eu acho... eu gosto de estudar mas eu sempre tive o sonho de jogar futebol, meu primeiro plano sempre foi jogar futebol (Entrevista com JEREMIAS, Atleta, 20 anos, 2014).

Martin, 17 anos, tem boas perspectivas no futebol, mas parou de estudar no 6º ano. Ele justifica o abandono dos estudos alegando: “não tenho vontade, não gosto (risos). De tarde se eu não treino eu fico deitado, (...) o que eu faço é treinar, só treinar e jogar.” (ENTREVISTA COM MARTIN, ATLETA, 2014). Já o atleta Isaías, 17 anos, considera que é difícil conciliar futebol e estudos: “(...) a avaliação é diferente de colégio pra colégio, a maioria dos jogadores não ‘roda’ porque é burro, reprova porque circula, troca de clube (...)” (ATLETA ISAÍAS, DIÁRIO DE CAMPO 31, 24/09/2014).

À medida que aumentam as perspectivas de inserção no futebol profissional, há uma tendência de crescer o desinteresse pelos estudos. Pois, como diagnosticou Damo (2005), no Brasil ainda predomina entre os jogadores de futebol, certo descaso em relação a sua escolarização. Nesta mesma esteira, Marques & Samulski (2009) em pesquisa realizada com garotos de clubes da série A do Campeonato Brasileiro diagnosticaram que 51% dos meninos já haviam interrompido os estudos ao menos uma vez e 53% deles estavam defasados em relação à série correspondente à sua idade.

O diálogo entre estes autores vai ao encontro dos achados empíricos aqui observados e referenda o problema da escolarização de jogadores de futebol ao plano endêmico. Contudo, não devemos desconsiderar as particularidades de cada clube ou simplesmente transformá-los no principal vilão deste processo. Os dados de Melo (2010, p.24), como o próprio autor relata, “desconstroem a imagem socialmente partilhada no Brasil que o futebol retira os jovens do sistema escolar ou que eles são pobres”.

Entre os clubes investigados, o Fragata distingue-se por seu destacado

acompanhamento pedagógico que atende exclusivamente os atletas alojados. Nos outros clubes predominam as práticas corriqueiras como a conferência de boletins, conversa com pais/responsáveis, conselhos particulares aos atletas, ameaças de retirada em treinos, jogos e torneios, entre outras.

O contato permanente com os pais, muito visto nos clubes, é uma das estratégias no enfrentamento desse problema. Porém, é necessário um diálogo mais próximo com as escolas e a busca por assistência social e pedagógica de forma contínua. Mas

(...) Infelizmente os clubes se preocupam com o jogador apenas dentro de suas dependências, e só se preocupam com fatores externos quando há algo errado que atinge diretamente o rendimento do mesmo jogador, e isto é um grande erro (Entrevista com JOÃO, Analista de Desempenho, 2014).

Muitos profissionais preferem particionar a responsabilidade/culpa entre, governo, mídia, clubes, pais, empresários, treinadores e atletas:

(...) é difícil você chegar para um menino e dizer pra ele que 'ah esquece! Tu não vai jogar' aí vem outro e diz pra ele: 'ele não entende nada de futebol, vem comigo que tu joga', e o sonho sempre continua e quando ele se da conta ele tem 20 anos e passou, entendeu? O futebol é pra quem tem condições de jogar futebol, aí é que está errado. Nessas horas é que entra empresário, que entra a família...tu tem que ter os pés no chão, se o menino não deu uma vez, não deu na segunda, na terceira não vai dar. Na insistência se mata, ele abandona o estudo. É isso que falta, a sinceridade (relatada por vários profissionais) que às vezes parece ser rude de parte de quem trabalha no futebol, mas é a pura verdade. (Entrevista com MOISÉS, Coordenador de base, 2014)

Alguns formadores não costumam atribuir culpa aos clubes na perda de foco na escola por parte dos meninos, pois “os clubes sobrevivem de atletas”. Na visão desses profissionais, o poder de decisão é pessoal e manipulável principalmente pela família, quando muitas vezes incentiva-se o garoto na busca de um “sonho em que não há condições de se chegar”. De acordo com Rial (2008), o desejo de ingressar no processo de formação de jogador começa no seio familiar e estende-se a muitos outros agentes que rodeiam o atleta, como empresários, treinadores, dirigentes, etc. O desejo

maior de ajudar a família é a representação deste planejamento familiar⁷⁹. Em nosso estudo, os jogadores apontaram a família e ex-treinadores como os principais responsáveis por ajudá-los a planejar suas carreiras⁸⁰.

A presença velada da figura do empresário no contexto pelotense, e a imagem de desconfiança dos meninos em relação aos mesmos, direcionam a busca por auxílio e conselho a outros personagens. Nas incursões a campo e nas conversas com a “entourage” dos atletas, evidenciou-se que a solicitação habitual dos pais em relação ao futebol e a escola é de que os atletas dediquem-se proporcionalmente a ambas as atividades. Já a visão de grande parte dos meninos é a de priorizar o futebol, principalmente se há algum “indício de dom”. Nesse caso “os investimentos escolares são secundários ou simplesmente abandonáveis”. (GUEDES, 2007, p. 305).

Soares et al. (2011) salientam que para a maioria dos garotos envolvidos com o futebol, a escola é pouco atrativa e de qualidade duvidosa. Apesar das negociações que se estabelecem entre alguns clubes e certas escolas, o sucesso escolar concomitante com o sucesso futebolístico exige muito sacrifício⁸¹.

Todos os clubes e suas respectivas categorias aqui investigados treinavam no turno da tarde, e a maioria dos meninos estudavam em horário matutino⁸², o que pode ser considerado adequado em termos de estratégia de rendimento escolar. Países como França, Portugal, Espanha e Holanda, referências no assunto, adotam estratégias semelhantes (MELO, 2010)⁸³.

Nos diálogos traçados com formadores, dirigentes e outros profissionais envolvidos com os meninos, foi destacado que mais do que apontar problemas, é

⁷⁹Outros desejos relatados pelos atletas em caso de sucesso profissional foram a “realização de um sonho”, ser bem sucedido financeiramente e ajudar pessoas pobres.

⁸⁰Diferentemente dos achados de Marques e Samulski (2009), onde foi constatado que o empresário seria a pessoa mais indicada pelos atletas para tal serviço.

⁸¹Para este público muitas vezes há uma espécie de negociação entre clubes e escolas, onde frequência e exigência escolar possuem níveis diferenciados.

⁸²Poucos atletas estudavam à noite, estes em EJAs e supletivos.

⁸³Para ver o caso específico do estado de São Paulo, ver: Lei nº 13.748, de 8 de outubro de 2009.

necessário pensar em soluções em relação à escolarização dos meninos. Nesse sentido, as opiniões divergem em iniciativas de diferentes proporções:

(...) Na minha opinião, passa por um projeto mais amplo, uma discussão a nível nacional, a nível de Congresso... e a questão da mídia mostrar outras realidades e não apenas a do atleta bem sucedido (Entrevista com ELIAS, Dirigente, 2014).

Moisés aponta para a mesma perspectiva:

(...) não há uma política de governo que monitore os alunos e os clubes, tanto que dá pra matricular e tirar os alunos em meio ao período escolar. A política brasileira está na contramão do que o futebol está exigindo, como mais educação dos atletas, inclusive pra jogar, cara cada vez vamos ver menos esses 'é nós! É toys'... (MOISÉS, Coordenador de base, Diário de Campo 25, 21/07/2014).

João, analista de desempenho, também destacou a importância de novas propostas e salientou a necessidade de ações locais: “Acredito, conhecendo a realidade de Pelotas, que deve haver uma maior capacitação dos profissionais envolvidos com os jogadores” (ENTREVISTA COM JOÃO, 2014).

Sobre as questões educativas, a pedagoga Maria considera que o trabalho multidisciplinar seria o ideal no suporte aos meninos e destacou que quando eles “(...) começam a namorar, eles já querem sair... então eu acho que é um conjunto, mas primeiro o clube tem que exigir...” (ENTREVISTA, MARIA, 2014).

Debates e iniciativas estatais serão providências ao enfrentamento do problema em questão. No entanto, como indicaram os relatos dos nossos interlocutores, é fundamental uma melhor organização interna dos clubes através de planejamento, investimento e estrutura, pois tais ações poderiam contribuir para uma formação desses garotos alicerçada também no processo de escolarização.

4.3 As possibilidades de inserção no futebol profissional e de reconversão laboral

Este item tem o objetivo de analisar quais foram os caminhos seguidos pelos

jogadores que compõem a amostra dessa pesquisa após um ano do cadastramento dos mesmos. Quantos mudaram de clube? Quantos mudaram de cidade? Quantos conseguiram se profissionalizar? Quantos permanecem no futebol, mas ainda sem se profissionalizar? Quantos estão prestes a abandonar o futebol e quantos abandonaram? Entre os que abandonaram quais as perspectivas de reconversão profissional?

A amostra foi composta por atletas das categorias Juvenil (sub-17) de quatro (4) clubes e Júnior (sub-20) de um (1) clube⁸⁴. Soares (2011) e Damo (2005) consideram que apesar da categoria juvenil (sub-17) não representar a profissionalização ela é “o rito de passagem para jovens aspirantes a atleta profissional” (SOUZA, 2008, p.79).

As abordagens realizadas com este público nos clubes de Pelotas nos possibilitaram esboçar um panorama geral sobre a inserção destes atletas no universo do futebol profissional, ao mesmo tempo em que nos conduziu ao encontro das estratégias por eles utilizadas em caso de insucesso no esporte.

Os resultados ao final do ano de 2014 mostraram que dos 84 respondentes, 46 permaneciam com vínculos clubísticos e 37 não. Destes 46, 23 permaneceram no mesmo clube de um ano anterior. Dos 23 atletas que trocaram de clube, 12 foram para outros clubes da cidade (o destino mais comum foi equipe sub-20 do E.C. Pelotas, recentemente formatada, e a equipe sub-17 do Sudeste F.C.)⁸⁵. Os outros 11 mudaram de cidade e tiveram como destino as cidades de Lajeado/RS (1), Santa Maria/RS (2), Porto Alegre/RS (2), Igrejinha/RS (1), Santo Ângelo/RS (1), São Leopoldo/RS (1), Florianópolis/SC (1), Pato Branco/PR (1) e Rancagua/Chile (1).

⁸⁴Dos 84 garotos que compuseram a amostra final da pesquisa somente três responderam não possuir registro em federação, constatamos também que em média o registro ocorreu aos 13 anos, idade em que os atletas começam a se envolver em competições regionais.

⁸⁵Sudeste Futebol Clube é outro clube formador pelotense, a qual detém menor notoriedade na cidade do que Fragata F.C. e Progresso F.C., por exemplo. Entretanto, destaca-se na sua busca por jovens talentos na cidade, ofertando-os a possibilidade de inserção nas equipes de base do Grêmio/POA, parceiro do Sudeste.

Entre os 37 jogadores que informaram estar sem clube, 15 disseram ter abandonado a perspectiva de seguir a carreira de jogador de futebol. Destes 15, dez (10) afirmaram estar trabalhando fora do futebol (alguns em empresas ligadas a sua família) e somente um permanece ligado ao esporte, atuando como preparador de goleiros.

Sobre a possibilidade de buscarem o reajustamento da vida ocupacional, alguns disseram que lidariam tranquilamente com a situação, mas outros confessaram “não pensar nesta possibilidade”, alegando que “a única coisa que sempre quis ser é jogador”. Souza et al (2008, p.107) lembram que diferentemente de outras carreiras, “que exigem anos de estudo e podem ter seu início aos 25 anos”, o futebol possui um prazo mais rígido para a busca da profissionalização, e geralmente esta decisão ocorre durante a adolescência, o que faz com que muitos garotos vinculados ao futebol deixem seus estudos de lado para fazer um investimento quase exclusivo no esporte. Vários informantes admitiram que poderão encontrar dificuldades para buscar uma reconversão profissional, principalmente por não estarem com sua situação escolar em dia.

Dos 84 jogadores, 14 afirmaram ter assinado seu primeiro contrato profissional em 2014 (16,6% da amostra). Destes, apenas três (3) foram profissionalizados por clubes pelotenses, dois (2) no Brasil e um (1) no Pelotas. A média de idade dessas 14 profissionalizações ficou entre 17 e 18 anos. Rial (2009) estima que de cada 100 jogadores que disputam a categoria de juniores no Brasil, apenas um (1) atinja a categoria profissional (1%). Paoli (2007) destaca que no Brasil o percentual de aproveitamento na categoria sub-20, gira em torno de 5 a 10%. Os dados apontados por esses autores são corroborados também por Pimenta (2000, p. 32) quando diz que “de cada 1000 jovens interessados, somente dois (2) ou três (3) chegam a iniciar o processo de formação, e desses iniciantes, somente 3% concretizam o grande sonho: ser jogador de futebol (...)”.

Se comparado com o contexto nacional, conforme indicaram os estudos anteriormente citados, é possível visualizar que há uma inserção profissional significativa dos jogadores formados nas categorias de base dos clubes de Pelotas. Todavia, cabe a ressalva de que a maior parte compunha a categoria juvenil. Ou seja, eles ainda terão que passar pela categoria de juniores. Isso significa que poderá ocorrer um aumento no número de jogadores da nossa amostra que consigam se profissionalizar, mas também provavelmente irá aumentar o número de jogadores que irão abandonar o futebol. Principalmente, se considerarmos que: “[...] normalmente os dois primeiros anos de juniores é difícil pra quem sobe, muitas vezes ficam só treinando pela falta de experiência (ENTREVISTA COM MOISÉS, COORDENADOR DE BASE, 2014).

Apesar de Fragata e Progresso serem duas referências na cidade na formação de jogadores, entre os 14 atletas que conseguiram se profissionalizar, apenas um (1) teve passagem por estas agremiações (Fragata), os outros 13 eram remanescentes da dupla Bra-Pel⁸⁶. Em parte, este dado pode estar relacionado ao fato de Fragata e Progresso não possuírem equipes profissionais. Além disso, a maioria dos atletas destes clubes (Fragata e Progresso) tinha menos de 18 anos, o que torna precoce qualquer exigência em termos de profissionalização.

As tentativas de inserção e as estratégias de permanência nos clubes são diversificadas. O encerramento da carreira, mesmo que evidente, tende a ser protelado como mostra Jeremias: “Talvez seja minha última cartada (a promessa de um empresário), depois talvez só no Farroupilha que a gente tem contato ali (...)” (ENTREVISTA COM JEREMIAS, ATLETA, 20 anos, 2014). Ou o depoimento de Gabriel:

(...) tem vários amigos meus que já tão com medo que eles não encaminhem eles pra algum clube, já tão procurando por fora em outros lugar já... não tão nem esperando a decisão deles aqui, se prende muito (Entrevista GABRIEL,

⁸⁶Sobre a escolaridade e o agenciamento destes jogadores profissionalizados, oito (8) tinham o ensino médio completo, e apenas um (1) não tinha vínculo com empresários.

Atleta, 16 anos, 2014).

O mercado futebolístico é constituído por uma rede de jogadores, clubes, empresários, dirigentes e outros personagens. Os jogadores costumam fazer uso dessa rede e do universo virtual, especialmente através das redes sociais, para ampliarem suas inserções no espaço futebolístico. Segundo Lemos e Lévy (2010, p.107) “no Facebook o usuário expõe suas preferências e difunde suas produções...”. Os atletas aproveitam essa possibilidade para fazerem de seu perfil no espaço virtual uma ferramenta de divulgação de vídeos de jogadas pessoais, relatos de experiências, fotos de hotéis, fotos de cartões de embarque, troféus, reportagens de jornal, etc.



Imagem 04 - Atleta compartilha reportagem de jornal, que o anuncia em seu novo clube⁸⁷.

⁸⁷Disponível

em:

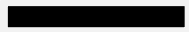
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=440086232795781&set=pb.100003832246792.2207520000.1424662691.&type=3&theater>.



<https://www.youtube.com/watch?v=LZdaSg3b81A>



Lances  (Leozinho) -
Meia/Lateral 96

Lances do atleta  (Leozinho) no
Campeonato Gaúcho sub-20 de 2014, atuando pelo
Cerâmica. DADOS DO JOGADOR Data de Nascimento:
10 de janeiro de...

YOUTUBE.COM | POR SAFRI DUO

[Curtir](#) · [Comentar](#) · [Compartilhar](#)

 e outras 65 pessoas curtiram isso.

[3 compartilhamentos](#)

Imagem 05 – Atleta e sua tentativa de reinserção nos clubes⁸⁸.

⁸⁸Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LZdaSg3b81A>



Infelizmente to pensando em para 😞



Imagem 06 – Atleta cogita a possibilidade de abandonar o futebol⁸⁹.

As fotografias, os vídeos, e os currículos on-line nas redes sociais ou em sites diversos (*Facebook, Youtube*), servem como vitrines na busca de um lugar no futebol profissional. De acordo com a visão dos formadores, a partir dessa etapa do processo de formação (categoria juvenil), o ingresso no universo profissional está relacionado a vários fatores como o momento certo de expor o atleta (jogo apropriado), as equipes profissionais não estarem com seus grupos “fechados”, a exposição em competições estratégicas como vitrine, entre outros.⁹⁰

Ao se referirem aos investimentos clubísticos na formação de jogadores, Moisés e José alegam que as contratações, mesmo que equivocadas, tornaram-se a

⁸⁹Disponível em: https://www.facebook.com/Jo.maranhao/photos_all

⁹⁰Os formadores relataram que outro problema identificado em alguns casos em específico, remete a questões sociais e financeiras dos jovens, onde as dificuldades na alimentação, na suplementação, no sono e no transporte (a maioria utiliza bicicleta e ônibus para os deslocamentos aos treinos) acabam por prejudicar o rendimento dos atletas.

prática prioritária dos clubes profissionais de Pelotas. José destacou que nenhum dos clubes “investe na base, porque é caro e todo dinheiro que entra é investido no profissional, ficando a base sempre em segundo plano” (ENTREVISTA COM JOSÉ, COORDENADOR DE BASE, 2014). Na mesma linha Moisés expressou que

(...) o grande problema é que os clubes (profissionais) tão afundados na sistemática de trinta, quarenta anos atrás, é melhor contratar um atleta por três, quatro meses e mandar embora do que tu trabalhar o cara cinco anos... tu não pode ter essa visão de querer vender jogador, tu tem que ter a visão de que esse jogador joga na tua equipe e te resolve o problema. Os clubes têm medo de arriscar porque não tem dinheiro, porque só vai fazer a longo prazo, tu não vai fazer imediato (...) O atleta da base ele só é olhado quando não tem outra opção...Quando tu deixa contrata 22, 23 jogadores, ele (treinador) vai ter que usar 22, 23 jogadores que tão recebendo salário. Se ele não usa nem 2 nem 3 então o que os caras tão fazendo ali? Vão ta recebendo salário sem jogar? (Entrevista com MOISÉS, Coordenador de base, 2014).

A ausência de um investimento maior, a falta de planejamento e a descontinuidade no trabalho com as categorias de base foram elementos comuns entre os clubes profissionais que investigamos. Na perspectiva de alterar este cenário, José relatou que seria necessário “primeiro investir pesado, dar condições para bons profissionais trabalharem e o principal seria dar sequência, disputar campeonatos, torneios...”. (ENTREVISTA COM JOSÉ, COORDENADOR DE BASE, 2014). Na mesma linha o preparador físico Josias complementa que seria importante “integrar e aproximar a base ao profissional... é importante para um menino estar treinando e no campo ao lado ele ver os profissionais, para ele almejar estar naquele lugar.” (ENTREVISTA COM JOSIAS, FORMADOR, 2014).

Somados os elencos profissionais do primeiro semestre de 2013, dos três clubes de Pelotas (Brasil, Pelotas e Farroupilha), identificamos que de um total de 75 atletas, dez (10) eram oriundos da base de clubes da cidade, mas sete (7) deles não foram formados pelos mesmos clubes que estavam vinculados⁹¹. Esses dados ilustram que o aproveitamento de jogadores das categorias de base tem sido um recurso pouco utilizado, algo semelhante ao que vem ocorrendo na maioria dos clubes do país, a

⁹¹Dados obtidos pessoalmente nos clubes e através de seus sites oficiais.

exemplo dos clubes do Distrito Federal, conforme identificou Spessoto (2008).

Diferentemente de Brasil, Pelotas e Farroupilha, Progresso e Fragata são clubes que não possuem equipes profissionais e formam jogadores para vendê-los a outros clubes. Desse modo, participam de competições que possam aumentar a exposição e a visibilidade de seus jogadores:

(...) A estratégia pra encaminhar esses meninos é a Copa Promissão (em São Paulo) que é o Campeonato Brasileiro da categoria (juvenil)... O clube participa fazendo, vamos dizer assim uma amostragem dos seus atletas (Entrevista com ROBERTO, Coordenador de base, 2014).

Nesses clubes formadores/exportadores os níveis de exigência são elevados e há uma grande seletividade: “infelizmente o processo é assim. É feita uma reunião para discutir esta questão. Os que podem ser aproveitados, são. Os demais são liberados pelo clube” (ENTREVISTA COM JOSÉ, COORDENADOR DE BASE, 2014).

Além das cobranças e das exigências diárias, a permanente seletividade existente nesses clubes faz com esses jovens convivam com uma angústia permanente, pois não têm a garantia de que não serão dispensados pelo clube no próximo ano, ou na passagem para outra categoria.

(...) De 95 atletas que nós temos hoje, posso te dizer que da safra de 2014, pode sair um atleta só, que pode se tornar jogador de alto nível (Entrevista com ROBERTO, Coordenador de base, 2014).

(...) Dos que nós temos aqui, vai vingar só o Martin e mais uns três e olhe lá. Se tu tens uns cinquenta, e dois são de qualidade, tem que trabalhar os dois que tem qualidade, sem os outros perceberem (Treinador SAMUEL, Diário de Campo 28, 21/08/2014).

Álvaro, olheiro de um dos clubes formadores, falou sobre quais critérios e fatores ele analisa nos jovens avaliados⁹². Suas primeiras palavras foram “intensidade”, o “querer”, a “inteligência” e “com certeza, a técnica”. Também desvalorizou as avaliações por aspectos físicos, comuns em alguns clubes.

⁹²De acordo com Bittencourt (2009, p.119), o olheiro é o profissional “que liga o mundo vivido à possibilidade de profissionalização (...)”. Este personagem faz o elo entre jogadores, clubes e empresários.

No Fragata e no Progresso tanto a captação quanto a formação possuem níveis elevados de exigência se comparados com os demais clubes da cidade. Isso contribui para que os jogadores dessas agremiações criem uma grande expectativa em se profissionalizar: “Jogar no clube (Fragata) é para sonhar grande, jogar em clube grande” (ATLETA LUCAS, DIÁRIO DE CAMPO 31, 27/08/2014).

O cenário do futebol no Brasil é profissionalmente instável aos atletas e estabelece vínculos de trabalho, em sua grande proporção, frágeis e mal remunerados. Segundo Ribeiro (2007, p.76), “em 2003 no Brasil, 82,41% dos profissionais receberam entre um e dois salários mínimos, 2,05% entre dez e vinte e apenas 3,57% acima de vinte”⁹³. Apesar disso e da difícil reconversão em outra profissão, o futebol dispõem de status social entre os jovens e segue bastante prestigiado nas camadas populares⁹⁴.

A despeito das proibições legais para a assinatura de contrato por jogadores menores de 16 anos, é comum no meio futebolístico a utilização de outros vínculos contratuais. Apesar de legalmente questionáveis, esses vínculos ajudam a criar na relação jovem/clube e jovem/empresário, um sentimento de gratidão e reconhecimento por parte dos atletas⁹⁵. No contexto geral, a ausência de vínculo formal desestabiliza a relação dos jovens jogadores com os seus respectivos clubes.

Os motes aqui alocados apresentaram as três possibilidades a serem trilhadas por estes jovens nesta etapa decisiva na carreira de um pretendente a jogador profissional de futebol, que cerne a inserção/profissionalização, a permanência ou a insistência na carreira e também a reconversão profissional. Esta última, apesar de apresentar-se em diferentes momentos da vida destes meninos, será a única trajetória

⁹³Dados da CBF mostram que 84% dos jogadores, de todas as divisões do futebol profissional no Brasil, recebem salários até 1.000,00 reais, 13% recebem entre 1000 e 9000 reais e apenas 3% recebem acima de 9000 reais por mês (SOARES, 2009, p.912).

⁹⁴Sobre o prestígio do jogador de futebol frente aos jovens a partir de um recorte de classe social e gênero, ver Damo (2005, p. 178), “Survey das profissões”.

⁹⁵Outra manobra utilizada pelos clubes é a formatação da categoria sub-19, ao invés da sub-20 como classifica a CBF. Com esta estratégia os clubes visam escapar de maiores obrigações em relação a contratos trabalhistas, pois o plantel no sub-19 pode ser montado de forma mista, com garotos acima e abaixo de 18 anos.

que certamente será percorrida por todos.

O reajustamento laboral dependerá diretamente dos capitais alternativos contraídos por estes sujeitos ao longo de sua formação esportiva e intelectual. Ele coloca em pauta o drama da impossível reconversão do boxeador no final de carreira apontado por Wacquant: “o capital específico que ele detém está inteiramente incorporado, e uma vez usado, fica desprovido de valor em outro campo” (WACQUANT, p.78-79, 2002).

A dificuldade de realocação profissional mencionada pelo autor aos boxeadores do gueto de Chicago (EUA) encontra similitudes no futebol, onde o “capital futebolístico”⁹⁶ adquirido pelos jogadores raramente contribui para sua inserção em outra atividade ocupacional.

Frente a esse desafio, fica o questionamento sobre o papel dos clubes neste processo. Talvez lhes coubesse, por exemplo, uma maior responsabilidade no processo de escolarização dos jovens, ao menos no período em que possuem vínculos com os clubes. Porém, a forma como estão constituídos os processos da maior parte das entidades investigadas mostra que há uma tendência a desconsiderar ações de médio e longo prazo em suas políticas de formação de jogadores.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelos clubes e por algumas deficiências apontadas pelos atletas e profissionais no processo de formação, grande parte dos jovens avaliam de forma positiva suas passagens pelos clubes de Pelotas e as consideram como “produtiva”, como “de muito aprendizado” ou, “ótima!”, “boa!”.

Além de uma reconfiguração nas políticas clubísticas, no sentido de um melhor planejamento e maior empoderamento das categorias de base, também parece ser necessária a criação de mecanismos de interferência estatal neste processo. Algo

⁹⁶Damo (2005, p.128 e 129) conceitua capitais futebolísticos como “os atributos que garantem o acesso de um menino a um centro de formação/produção”. O talento e as disposições corporais são alguns exemplos destes capitais.

capaz de estimular o cumprimento de leis que resguardecem minimamente o futuro destes jovens, inspirado nas políticas instituídas em outros países que alcançaram significativos resultados, como é o caso, por exemplo, da Alemanha, da França, da Holanda e da Espanha⁹⁷.

⁹⁷Damo (2005) destaca em seu estudo os trabalhos de formação dos clubes franceses, salientando algumas das ações tomadas pelos mesmos, pela federação e pelo governo francês no que cerne a formação estudantil de seus jovens jogadores. Na mesma esteira, o programa “Sportv Repórter” exibido em 08/12/2014 apresentou a reestruturação realizada pela Federação Alemã de Futebol na formação de jogadores do país. Esta iniciativa envolveu diversos setores do futebol alemão e resultou na construção de escolas de futebol e na reconfiguração dos trabalhos de base nos clubes profissionais, abordando de forma equivalente a formação futebolística e intelectual dos jogadores alemães.

Considerações Finais

O futebol de base em Pelotas apresentou-se de forma heterogênea, pois ainda que os objetivos dos clubes visem a formação do atleta como produto final comum, as estratégias utilizadas no decorrer de seus processos são distintas. Os modelos de formação adotados pelos clubes pelotenses dizem muito a respeito destas estratégias e suas prerrogativas.

Fragata e Progresso, por serem clubes formadores, se beneficiam da possibilidade de direcionar todos os seus investimentos na estruturação e gestão de seus processos de formação, tornando-os cada vez mais qualificados. Além de estarem providos de uma boa estrutura técnica e de recursos humanos, Fragata e Progresso são clubes satélites de grandes equipes do futebol italiano e brasileiro, respectivamente Roma e Internacional, o que de certa forma atrai boa parte dos jogadores talentosos da região a estes clubes.

Pelotas, Farroupilha e Brasil, por serem clubes profissionais e por constituírem seus processos de forma semelhante, normalmente enfrentam problemas de mesma ordem. Os diálogos traçados com nossos interlocutores possibilitaram elencar os principais problemas no processo de formação destes clubes:

- Dificuldades estruturais e de investimento;
- Falta de planejamento e de filosofia de trabalho específica;
- Primazia por resultados em detrimento a formação;
- Despreparo dos dirigentes;
- Trabalhos descontínuos e interruptos e que muitas vezes obrigam o atleta a “rodar”;

- Concorrência e dissipação de investimentos com as ramificações de clubes formadores na cidade (Fragata, Progresso, Sudeste, Botafogo, etc);
- Alguns profissionais desatualizados e com pouco conhecimento frente às exigências atuais do desporto.

A formação pouco profissional de técnicos e dirigentes é vista pela maioria dos interlocutores como uma das principais deficiências no processo. Neste sentido, os clubes poderiam colocar no seu caderno de encargos o incentivo à formação continuada de seus profissionais em diferentes áreas, prática adotada em grandes clubes do país como São Paulo Futebol Clube/SP e Botafogo de Futebol e Regatas/RJ, por exemplo.

Spessoto (2008) propõe adaptações também na esfera política e administrativa dos clubes, sugerindo que diretores e administradores façam do futebol sua atividade laboral principal, e não apenas utilizem-se dela como um “bico” ou um segundo emprego, como comumente ocorre nos clubes de futebol. Carravetta (2012), Spessoto (2008) e Marques (2005) falam da importância dos clubes prepararem futuros dirigentes através do incentivo a participação em cursos/seminários para conselheiros do clube.

Abnegação, doação de tempo e disponibilização financeira são alguns dos requisitos necessários para dirigir e administrar categorias de formação nos clubes de Pelotas. Apesar da dedicação, na maioria destes clubes predominam administrações amadoras, passionistas e efêmeras onde a dificuldade de investimento contribui para a inconstância das gestões neste departamento. Foi possível perceber que ao mesmo tempo em que se exige profissionalismo dos atletas, nossos dirigentes continuam, em grande parte, amadores.

A análise do perfil futebolístico destes meninos mostrou que a inserção formal no esporte ocorreu, em sua maioria, através de escolinhas de futsal e futebol e a média de idade em que ocorreu este ingresso foi de sete (7) anos. Metade destes meninos não é natural de Pelotas, o que requer dos clubes maiores investimentos e um cuidado maior em relação à vida social, profissional e estudantil

de seus atletas. Apesar do crescente desuso das peneiras, muitos atletas relataram ter ingressado nos clubes pelotenses através deste processo, seguido de outras ferramentas de captação como os testes, as indicações e a promoção através das escolinhas.

Em relação ao fenômeno circulatório, a concorrência estabelece uma lógica baseada na busca por oportunidade e espaço nos clubes, ou seja, os atletas trocam de clube à medida que vislumbram melhores possibilidades profissionais. No contexto do futebol brasileiro essa prática é indiretamente incentivada à medida que o “ter passagem” por um grande clube represente status e a garantia provisória de acesso a clubes de menor expressão, em especial do interior. Apesar disso, a prática da rotatividade em raras situações beneficia os atletas, pois tende a enfraquecer seus vínculos clubísticos e compromete a qualidade de sua preparação.

Contrários a esta situação, muitos formadores veem no planejamento, no investimento e na filosofia do clube as bases para a desconstrução dessa metodologia. Ainda há, na opinião destes profissionais, a necessidade dos clubes subsidiarem-se de procedimentos jurídicos, de forma a garantir os investimentos realizados nos garotos: “é necessário se proteger nos termos da lei, senão vão formar pros outros, qualquer um vem e leva o que tu tens de melhor (...)”(ENTREVISTA COM MOISÉS, COORDENADOR DE BASE, 2014).

Apesar de prejudicial a clubes e atletas, a rotatividade é vista pelos mesmos como algo natural em meio ao processo de formação. Mesmo nos casos em que a escolarização e a vida profissional são afetadas, os meninos não atribuem ao futebol e a troca de clubes essa responsabilidade.

Assim como em outros contextos do futebol nacional, parte dos atletas em formação nos clubes de Pelotas tende a colocar a escolarização em segundo plano, sendo que muitos deles estão com os estudos em atraso e até mesmo interromperam a carreira estudantil. O sucesso no futebol, mesmo que momentâneo, faz com que se enraíze entre os atletas a cultura de desvalorização e desinteresse pelos estudos. Nesta amostra, a evasão escolar teve maior ressonância na faixa etária entre 17 e 18 anos, especificamente na etapa em que os meninos estão

vivendo a transição de categorias entre juvenil e juniores e onde as perspectivas profissionais aumentam. Cansaço, incompatibilidade de turnos, viagens e perda de foco foram os principais dificultadores apontados pelos meninos no duplo estatuto vivido de atleta/estudante.

Os esforços observados nos clubes em relação à escolarização dos atletas, exceto no Fragata F.C., mostraram-se mais discursivos do que práticos. As propostas das agremiações neste sentido são superficiais e resumem-se a conversas entre pais, atletas e formadores e a conferência de boletins. Há um consenso entre dirigentes e formadores sobre a necessidade de aproximar clubes, escolas e família do atleta. Além disso, os profissionais acreditam que as agremiações devam exercer um trabalho multidisciplinar e de qualificação profissional dos treinadores diretamente envolvidos com os meninos.

Mais do que iniciativas locais, seria fundamental a interferência estatal no processo de formação dos clubes, de forma que sejam configuradas políticas que resguardecem minimamente a formação escolar dos meninos e consequentemente ampliem suas possibilidades de inserção em outra atividade profissional.

Considerando as dificuldades enfrentadas pelos jovens, não foram poucos os atletas formados nos clubes de Pelotas que conseguiram se inserir profissionalmente no futebol. Essa inserção, em comparação com outros estudos (RIAL, 2009; PIMENTA, 2000; PAOLI, 2007), mostrou-se expressiva, e deu-se em sua maioria durante a promoção das categorias juvenil para os juniores. Os clubes profissionais foram os que mais tiveram atletas por eles “formados” ingressando profissionalmente no mercado. Este dado pode estar vinculado à visibilidade e à exposição midiática dos clubes, servindo como uma espécie de “vitrine” aos atletas no estado.

A relevância desta discussão reside no fato de que, mesmo tendo suas equipes profissionais como vitrine, Brasil, Pelotas e Farroupilha timidamente promovem ou “revelam” jogadores para seu uso próprio. Menos ainda, formam seus atletas de maneira balizada e planejada, optando pela prática da arquitetura trimestral ou semestral de equipes nas categorias de base.

Mas e quando formam, formam para quem? Os dados apresentados mostraram que os destinos mais comuns destes jovens profissionalizados são outros clubes do interior do Rio Grande do Sul. Diferentemente de outros escalões do futebol nacional, grande parte destes sujeitos sabe da impossibilidade de almejar o mercado europeu ou a elite profissional brasileira de forma direta, havendo etapas a cumprir, que há de ser no interior gaúcho.

Na tentativa de inserção, nosso estudo mostrou que os atletas lançam mão dos espaços virtuais, em especial as redes sociais, para promoverem seus capitais futebolísticos, estabelecerem redes de contato e até mesmo para compartilhar suas frustrações.

Ainda que afirmem ser o futebol o seu principal objetivo profissional, muitos atletas não planejam suas carreiras para tornarem-se profissionais do esporte e, menos ainda, projetam qualquer possibilidade de reconversão profissional. Ao atingirem os limiares de idade em seus clubes, muitos destes jovens são dispensados e veem-se obrigados a redirecionar seu foco aos estudos e/ou a buscar outra atividade laboral.

Assim, há necessidade de que sejam pensadas estratégias de reconversão profissional para esses jovens e não uma mera transferência de responsabilidades quando os planos no futebol se desencaminham. Iniciativas nesse sentido se assemelham ao que foi reivindicado em relação à escolarização dos atletas, fazendo-se necessária uma intervenção conjunta de estado, clubes, profissionais da área e família do atleta.

Tendo em vista o baixo aproveitamento dos jovens nos clubes profissionais da cidade, ficou exposta a necessidade de implementação de projetos adequados à realidade destas agremiações. Projetos que sejam capazes de abarcar uma proposta de continuidade, além da reestruturação conceitual e política dos clubes em relação à base. Enfim, que balizem o processo e proporcionem maiores condições de possibilidade dos jovens terem uma boa formação esportiva e intelectual, tornando a realocação laboral um processo menos penoso em caso de insucesso no futebol.

Frente à complexidade do processo aqui relatado e as diferentes ramificações empíricas deste estudo - estendido a cinco clubes -, percebemos que por vezes esbarramos na falta de profundidade à qual as entrelinhas do futebol nos limitavam, onde informações constantemente são negadas ou fornecidas de forma subtendida. Assim, não tivemos a pretensão de falar pelos clubes e jogadores, mas analisar suas práticas e significações, reconhecendo que “por mais que tenhamos feito, não chegamos nem perto do fundo da questão” (Geertz, 1989, p.39).

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALVES, Eliseu de Mello. **O futebol em Pelotas**. Pelotas: Mundial, 1984. 177f.

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra Portella. Blogs: Mapeando um objeto. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, NO GT HISTÓRIA DA MÍDIA DIGITAL. Rio de Janeiro., 2008. **Anais**. Universidade Federal Fluminense, 13 a 16 de maio de 2008. p. 01-16.

_____; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Famecos** [da] Pontifícia Universidade Católica Porto Alegre, RS. n. 20. P. 34 – 40. dez. 2008.

BACK, Luciano. **Gestão de Custos nas Categorias de Base de um Clube de Futebol Através do Método ABC**. 2005. 69f. Monografia (Bacharel em Ciências Contábeis) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido**. 2009. 332f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BARBANTI, Valdir; **Formação de Esportistas**. Barueri: Manole, 2005.

BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9615consol.htm. Acesso em: 01 Nov. 2012.

CABRAL, Sérgio. Marciel terá 50% do passe comprado pelo Timão. **Diário Popular**. 26 Jan. 2015. Esporte, p.31

CARRAVETTA, Élio. **Futebol: a formação de times competitivos**. Porto Alegre: Sulina, 2012. 206f.

COUTO JUNIOR, Dielson Ribeiro. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. Jundiaí: Paco, 2013. 90f.

DAMO, Arlei Sander. **Do Dom à Profissão: Uma Etnografia do Futebol de Espetáculo a Partir de Jogadores no Brasil e na França**. 435f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL. **Competições**. Disponível em: <<http://fgf.com.br/>>. Acesso em: 21 Set. 2013.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In: XXI REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Caxambu.,1998. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Set.1998. n.10. p. 58 – 78.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Afiliada, 1989. 323f.

NATANAEL, Rubian; FARIA, Eric; VAN DER LAARS, Guilherme. “**A base, da terra à grama**”: nova série mostra a formação do jogador brasileiro. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2014/10/base-da-terra-grama-nova-serie-mostra-formacao-do-futebol-brasileiro.html>. Acesso em: 18 de dez. 2014.

História do Clube. Disponível em: <<http://ecpelotas.com.br/clube/historia/>>. Acesso em: 30 de Out. 2012 .

História do Clube. Disponível em: <<http://www.gafarroupilha.com.br>>. Acesso em: 25 de Set. 2013.

História do Clube. Disponível em: <<http://www.gebrasil.com.br/clube/historia.php>>. Acesso em: 25 de Set. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): **Censo 2010**. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=431440>>Acesso em: 21 de Set. 2013 .

KOZINETTS, Robert. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities**. 2002. Disponível em: <<http://www.marketingpower.com/content18255.php>>. Acesso em: 07/02/2014.

LIMA, Letícia Salem Herrmann. O jovem e a sua relação com Orkut: socialização, informação, afeto e imaginação. **Revista Eletrônica [da] Faculdade Cásper Líbero**. v. 2, n. 1. p. 1 – 15. jun, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul/dez. 2009.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martin. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.2, p.103-119, abr./jun. 2009.

MELO, Leonardo Bernardes Silva de. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro**. 2010. 72f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 187f. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

_____; Silva, C.D.; Soares, A.J.G. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Futebol**. Viçosa, v.1, n.2, p. 38 – 52, jul/dez, 2008.

PEREIRA, Carlos Alberto. et. al. A gestão estratégica de clubes de futebol: uma análise da correlação entre performance esportiva e resultado operacional. In: 4º

CONGRESSO USP CONTROLADORIA E CONTABILIDADE. 4, 2004. São Paulo, **Anais...** São Paulo: USP, 2004. p. 01-15.

PIMENTA, Carlos Alberto Maximo. Novos Processos de Formação de Jogadores de Futebol e o Fenômeno das “escolinhas”: uma análise crítica do possível. In: **Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 75 – 97.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquelredes-sociais-na-internet.pdf>>. Acesso em: 17 de jan. 2014.

RIAL, Carmem. Rodar: A Circulação dos Jogadores de Futebol Brasileiro no Exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.21-65, jul./dez. 2008.

RIAL, Carmem. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português”: a circulação de jogadores brasileiros/sul americanos na Europa, ontem e hoje. **Antropologia em primeira mão**. Florianópolis, n.110, p. 1-22, 2009.

RIBEIRO, Luiz. (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí: Fontoura, 2007. 196f.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteiras**. 1. ed. Pelotas: Editora da UFPel, v. 1. 2004. 259f.

_____. SILVA, Daniel Vidinha da; JAHNECKA, Luciano. Cantera e categorias de base: considerações sobre a formação de jogadores e o pertencimento clubístico. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA,. 32, 2013. Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPEL, 2013. p. 1-9.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **A Formação do Jogador de Futebol no Sport Club Internacional (1997-2002)**. 2003. 200f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SILVA, Silvio Ricardo da. (coord.). **Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009. 338f.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

SPESSOTO, Rubens Eduardo Nascimento. **Futebol Profissional e Administração Profissional: da prática amadorista à gestão competitiva**. 2008. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SOUSA, Priscilla Andreatta Rosa de. **A prata da casa: a ‘mercadoria força de trabalho jogador de futebol’ no Brasil pós Lei Pelé**. 2008. 165f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de. et al. Difícil Reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n.30, p.85-111, jul./dez. 2008.

SPRADLEY, James. **The ethnographie interview**. New York, Holt, Rinehart e Winston, 1979.

WACQUANT, Löic. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 2002.

Apêndices

Apêndice A – *Fichamento de atletas*

Nome do Jogador: _____

Nome utilizado na rede social (Facebook): _____

Naturalidade (cidade onde nasceu): _____

Data de Nascimento: _____

Escolaridade: _____

Nome do empresário: _____

Com qual idade começou a ter empresário: _____

Clube Atual: _____

Clubes em que atuou anteriormente e o período nos mesmos:

Apêndice B – Questionário diagnóstico dos clubes

Clube: _____

Responsáveis Entrevistados e suas Funções: _____

Telefones: _____

CATEGORIAS DE ANÁLISE**- ESTRUTURA FÍSICA E DE RECURSOS HUMANOS**

1. Quantas e quais categorias o clube possui?
2. Com quantos garotos o clube trabalha anualmente?
3. Quantos campos para a base o clube possui?
4. O clube possui centro de treinamento próprio? Se sim, como o senhor o classifica? Se não, aonde treinam (quantos campos disponíveis)?
5. O clube possui academia própria? Qual a qualidade estrutural da mesma?
6. Quantos atletas são de fora da cidade?
7. Quantos atletas são de outros estados?
8. O clube acompanha o desempenho escolar dos mesmos?
9. Há cobrança em relação à escolarização dos atletas?
10. O clube possui observadores/olheiros para a captação de talentos?

- GESTÃO

11. O clube possui um coordenador específico de categorias de base?
12. O clube possui uma política/filosofia de formação? Poderia detalhá-la?
13. Quantas peneiras o clube realiza por ano?

14. Eles recebem algum tipo de ajuda de custo ou salário?
15. No passado recente ou atualmente, algum dos meninos deste clube atuou/ atua nos clubes profissionais de Pelotas?
16. O Departamento de base funciona o ano inteiro?

- EMPRESÁRIOS

17. Como funciona a questão dos agentes/empresários em relação aos meninos?
18. O clube possui algum vínculo com outro clube, ou com empresário ou grupo de investidores? Quais?

Apêndice C – Entrevista semi-estruturada dos dirigentes/gestores

Clube: _____

Responsáveis Entrevistados e suas Funções: _____

Telefones: _____

Data da Entrevista: _____

SETOR DE GESTÃO

1. O clube possui um gestor profissional específico para a base?
2. Há quantos anos o clube é dirigido pela mesma pessoa ou grupo?
3. Quantos conselheiros o clube possui?
4. O responsável toma as decisões sozinho em relação à base?
5. O senhor e outros gestores fazem cursos/seminários para aperfeiçoamento de sua gestão? Quantos por ano?
6. O senhor tem outra atividade profissional, fora do futebol?
7. Quantas horas diárias o senhor dedica ao clube?
8. Os gestores têm alguma formação em gestão esportiva?
9. O clube tem um planejamento estratégico para a base? (para 2-3 anos, por exemplo). Pode detalhá-lo?
10. O clube é registrado como clube empresa?
11. Em sua opinião, como um clube pode obter lucros e rendimento prático com trabalho de base?
12. O clube possui dívidas com atletas de base?

13. O que o senhor acha que pode ser feitos pelos clubes da cidade para um melhor aproveitamento dos jogadores de base nos clubes de Pelotas?
14. Quais competições o clube participa em sua categoria mais elevada?
15. Você acha que através das concentrações se exerce um controle na vida social do atleta, de forma a vigiá-lo, assim, fugindo a esfera profissional?
16. Os atletas têm que seguir alguma cartilha de comportamento, código de conduta, etc?

SETOR ESTRUTURAL E DE INVESTIMENTOS

17. O clube possui algum patrocínio específico para a base?
18. Os jogadores são acompanhados por uma equipe multidisciplinar (médico, assistente social, psicólogo, nutricionista, etc)? Se sim, quais?
19. O clube fornece suplementação alimentar aos atletas?
20. Qual a carga horária anual de treinamento em cada categoria?
21. Qual o custo para profissionalizar um atleta oriundo da base?
22. Quanto o clube arrecada por ano? E quanto gasta? (Não só com a base?)
23. Qual percentual de receita é investido na base ou qual o valor absoluto anual investido na base?
24. Qual o gasto médio mensal de cada atleta das categorias de base nas equipes de competição?
25. Quanto o clube gasta anualmente com a base?

Apêndice D – Roteiro: perspectivas profissionais dos atletas de base dos clubes de Pelotas/temporada 2014 (retorno aos atletas)

Clube: _____

Nome do Atleta: _____

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

1. Qual sua situação atual como jogador de futebol? (com clube ou sem clube? Em qual categoria?)
2. Depois do clube pelotense, por quais clubes você passou?
3. Em qual cidade você encontra-se atualmente? Com quem você reside?
4. Você está estudando atualmente? Que ano você está ou quem ano você parou?
5. Você considera que o futebol atrapalhou sua vida escolar? Por quê?
6. Atualmente você trabalha, faz outra coisa além do futebol? Qual? Por quê?
7. Caso esteja sem clube, você abandonou os planos de ser jogador? Por que?
8. Caso você não se torne jogador de futebol, como lida com essa possibilidade de buscar outra profissão?
9. Que outra profissão você exerceria? Por quê?
10. Quais as suas expectativas em relação à carreira de jogador de futebol? O que você pensava ou pensa em fazer se conseguir se tornar um jogador profissional?
11. Quais as pessoas que você considera que foram mais importantes para ajudar a planejar a sua carreira de jogador de futebol?
12. Quais outras pessoas que você considera que poderiam ter contribuído e ainda lhe ajudar ainda hoje na sua carreira? Por quê?
13. Com quantos anos você começou a ter um agente/empresário? Quais foram às

principais contribuições de seus agentes ou empresários na sua carreira?

14. Caso não tenha tido empresário, você acha que seu caminho no futebol seria diferente? Em que aspecto seria diferente?

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

15. Por qual clube você foi federado no futebol de campo? E com que idade isto ocorreu?

16. Com que idade você iniciou o treinamento regular em clubes de futebol (não citar futsal)?

17. Você já assinou o primeiro contrato profissional? Se sim, com qual idade?

18. Por quantas peneiras ou avaliações você passou? Com que idade foi sua primeira?

19. Como você ingressou num clube pela primeira vez?

() Peneira () Indicação () Contratação () Descoberto na Várzea () Na escolinha do clube

20. Como você analisa sua passagem por seu último clube de Pelotas?